

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA  
Antonio José da Silva, o Judeu

Ópera joco-séria  
que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa no carnaval de 1737

INTERLOCUTORES:

Dom Gilvaz  
Dom Fuas  
Dom Tibúrcio  
Dom Lancerote, velho  
Dona Cloris  
Dona Nize  
Sobrinhas de d. Lancerote  
Sevadilha, graciosa, criada  
Fagundes, velha, criada  
Simicúpio, gracioso, criado de d. Gilvaz

CENAS DA Iª PARTE

I – Prado, com casario no fim  
II – Câmara  
III – Praça  
IV – Gabinete

CENAS DA IIª PARTE

I – Praça  
II – Sala  
III – Câmara  
IV – Praça  
V – Câmara  
VI – Jardim  
VII – Sala

PRIMEIRA PARTE

Cena Primeira

*Prado, com casaria no fim. Saem<sup>1</sup> d<sup>a</sup>. Cloris, d<sup>a</sup>. Nize e Sevadilha com os rostos cobertos; e d. Fuas, d. Gilvaz e Simicúpio, seguindo-as*

D. GILVAZ (*para d<sup>a</sup>. Cloris*) – Diana<sup>2</sup> destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando rêmora<sup>3</sup> me suspendeis, sois imã, que me atraís.

<sup>1</sup> No texto original, toda a vez que entram personagens em cena, é dito que saem. Corrigi sempre que isso acontece, e esta nota vale por todas as vezes posteriores.

<sup>2</sup> Deusa da caça na mitologia romana. A mesma Artêmis dos gregos.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

D. FUAS (*para d<sup>a</sup> Nize*) – Flora<sup>4</sup> destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdém, que essa discorde fuga com que me desenganais, é harmoniosa atração de meus carinhos; pois nos passos desses retiros forma compassos o meu amor.

SIMICÚPIO (*para Sevadilha*) – E tu, que vens atrás, serás a seringa<sup>5</sup> destas brenhas<sup>6</sup>; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atrás, pois apesar dos esguichos de teu rigor, hei de ser conglutinado<sup>7</sup> raboleva<sup>8</sup> das tuas costas.

D<sup>a</sup>. CLORIS (*para d. Gilvaz*) – Cavalheiro, se é que o sois, peço-vos que não me sigais, que mal sabeis o perigo, a que me expõe a vossa porfia<sup>9</sup>.

D. GILVAZ – Galhardo<sup>10</sup> impossível, em cujas nubladas esferas ardem ocultos dois sóis, e se abraça patente um coração, permiti que esta vez seja fineza a desobediência; porque seria agravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa ninfa, ou hei de ver-vos ou seguir-vos, porque conheça, já que não o Sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Que será de mim, se este homem me seguir?

D<sup>a</sup>. NIZE – Já parece teima essa porfia: vê-de, senhor, que se me seguís, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

D. FUAS – Para que são, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repúdio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girassol de vossas luzes.

SEVADILHA (*para SIMICÚPIO*) – Ora basta já de porfia, senão vou revirando<sup>11</sup>.

SIMICÚPIO – Tem mão, sarjeta<sup>12</sup> encantadora, que com embiocadas<sup>13</sup> denguices, feita papão<sup>14</sup> das almas, encobres olho e meio, para matares gente de meio olho: são escusados esses esconderelos<sup>15</sup>, pois pela unha desse melindre conheço o leão desta cara.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Isso já parece teima.

D. GILVAZ – Isto é querer-vos.

D<sup>a</sup>. NIZE – Isso é porfia.

D. FUAS – É adorar-vos.

SEVADILHA – Isto é empurração.

SIMICÚPIO – Agora, isto é bichancrear<sup>16</sup>, pouco mais ou menos.

D. GILVAZ – Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer, entendi que a nossa curiosidade e amor não permitirá que vos ausenteis, sem ao menos com a certeza de nos tornarmos a ver, dando-nos também o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

---

<sup>3</sup> No texto: obstáculo.

<sup>4</sup> Deusa protetora dos vegetais na mitologia greco-romana.

<sup>5</sup> Figurado: pessoa importuna.

<sup>6</sup> Figurado: confusão.

<sup>7</sup> Grudado.

<sup>8</sup> Tira de pano ou papel, que por brincadeira, se prega nas costas de alguém para depois fazer chacota.

<sup>9</sup> Insistência.

<sup>10</sup> Garboso. Belo. Bem apessoado.

<sup>11</sup> Mudar de opinião.

<sup>12</sup> Relativo à sarja, tecido entrançado de seda, lã ou algodão.

<sup>13</sup> Escondidas por um xale.

<sup>14</sup> Monstro imaginário com que se põe medo às crianças.

<sup>15</sup> Subterfúgios.

<sup>16</sup> Ato de fazer bichancros, modos ou ademanos ridículos, típicos dos enamorados.

SEVADILHA – Em termos, sem tirar nem pôr.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Pois, senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruí o mesmo que edificais.

D. GILVAZ – E admitireis a minha fineza?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Sendo verdadeira, por que não?

D. FUAS – Admitireis os repetidos sacrifícios de meu amor?

D<sup>a</sup>. NIZE – Sim, se for amor constante.

D. GILVAZ e d. FUAS – Quem essa dita me abona?

D<sup>a</sup>. NIZE – Este ramo de manjerona<sup>17</sup>.

D. FUAS – Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes<sup>18</sup> pompas se ostente troféu da primavera.

D. GILVAZ – Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Este ramo de alecrim<sup>19</sup>, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

D. GILVAZ – Por único na minha estimação será esse alecrim o feliz das plantas, que abrasando-se nos incêndios do meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

SIMICÚPIO – Isso é bom, segurar o barco; mas a tácita hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Cada um de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais fácil será perder a vida do que elas percam o crédito de verdadeiras.

SIMICÚPIO – Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou: vossas mercês perdoem, que eu não sabia que eram do rancho do alecrim e manjerona: resta-me também que tu cozinheirazinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois também me quero segurar.

SEVADILHA – Eis aí tem esse malmequer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

SIMICÚPIO – Ditoso seria eu, se o teu Malmequer se murchasse.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimasseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de alecrim.

D. NIZE – O mesmo vos recomendo da manjerona.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Advertindo que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a manjerona, ou alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

D<sup>a</sup>. NIZE – Desejara que triunfasse a manjerona. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – E eu o alecrim. (*Vai-se*)

SEVADILHA – Cuidado no malmequer. (*Vai-se*)

SIMICÚPIO – Cuidado no bem-me-quer.

D. GILVAZ – Ó Simicúpio, vai seguindo-as, para sabermos aonde moram: anda, não as perca de vista.

SIMICÚPIO – Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. (*Vai-se*)

D. FUAS – Quem serão, amigo d. Gilvaz, essas duas mulheres?

<sup>17</sup> Erva européia semelhante ao orégano, aromática e usada como tempero culinário. Mangerona.

<sup>18</sup> Verdejantes.

<sup>19</sup> Arbusto odorífero, que produz um óleo utilizado como condimento e medicamento.

D. GILVAZ – Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto, para ferir os corações como cupido; mas pelo bom tratamento e asseio, indicam ser gente abastada.

D. FUAS – Oxalá que assim fora; porque em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna do esposo ser meeiro no cabedal.

D. GILVAZ – Ai, amigo d. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

D. FUAS – Elas foram aturdidas com palanfrórios<sup>20</sup>.

D. GILVAZ – Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

*Entra Simicúpio.*

SIMICÚPIO – Já fica assinalada na carta de marear toda a costa de leste a oeste, com seus cachopos<sup>21</sup> e baixios<sup>22</sup>.

D. GILVAZ – Aonde moram?

SIMICÚPIO – São as nossas vizinhas, sobrinhas de d. Lancerote, aquele mineiro velho, que veio das minas o ano passado.

D. FUAS – Basta que são essas! Por isso elas cobriram o rosto.

SIMICÚPIO – Isso tem elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encararam para ninguém.

D. GILVAZ – Uma delas sei eu, que se chama d<sup>a</sup>. Cloris.

SIMICÚPIO – e a outra d<sup>a</sup>. Nize, isso sabia eu há muito tempo.

D. FUAS – E como saberei eu qual delas é a da manjerona?

SIMICÚPIO – Isso é fácil, em sabendo-se qual é a do alecrim, logo se sabe qual é a da manjerona?

D. FUAS – Grande sutileza! Vamos, d. Gil.

SIMICÚPIO – Já que se vão, advirtam de caminho que segundo as notícias que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janelas de encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem; as trapeiras<sup>23</sup> são zimbórios<sup>24</sup> tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discípulas, porque ainda não sabem abrir; mas só um bem há, e é que, tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. Com que, senhores meus, outro ofício, contentem-se com cheirar a sua manjerona e o seu alecrim; que amor que entra pelo nariz não é bem que chegue ao coração.

D. GILVAZ – Simicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

SIMICÚPIO – Ah senhor d. Gilvaz, o meu aríete<sup>25</sup> já se acha mui cansado de tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

D. GILVAZ – Simicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra a d. Lancerote, saltaremos de contentes.

---

<sup>20</sup> Palavrório. Conjunto de frases e palavras com pouco nexos.

<sup>21</sup> Recifes.

<sup>22</sup> Banco de areia.

<sup>23</sup> Aberturas ou janelas no telhado.

<sup>24</sup> Parte convexa superior de grandes edifícios, principalmente igrejas. Domo.

<sup>25</sup> Antiga máquina de guerra usada para derrubar portas e muralhas.

SIMICÚPIO – Tal é a minha desgraça, e a sua miséria, que ainda com esta burra me dará dois coices.

D. GILVAZ – d. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o alecrim.

D. FUAS – d. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Simicúpio é tão destro na matéria.

D. GILVAZ – Por hora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau<sup>26</sup>, que vós também navegareis no mar de Cupido<sup>27</sup>.

D. FUAS – Isso não merece a nossa amizade.

D. GILVAZ – Se vós sois do rancho da manjerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dois ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, d. Fuas, e viva o alecrim. (*Sai-se*)

SIMICÚPIO – E viva o malmequer. (*Vai-se*)

D. FUAS – Viverá a manjerona apesar do mais intenso ardor de opostos planetas.

*Entra<sup>28</sup> Fagundes com manto e capelo<sup>29</sup>.*

FAGUNDES – E bom sumiço! Aonde estarão estas meninas que há mais de quatro horas, que foram à missa, e ainda não há fumo<sup>30</sup> delas? Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

D. FUAS – Que sinais tinham?

FAGUNDES – Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto e a outra uns sinais de bexigas.

D. FUAS – E que mais?

FAGUNDES – Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba e a outra barba na cova, uma tem espinhela caída<sup>31</sup> e a outra um leicença<sup>32</sup> num braço.

D. FUAS – Com esses sinais, nunca vi mulher nesta vida.

FAGUNDES – Meu senhor, uma delas trazia um ramo de alecrim no peito, e a outra de manjerona.

D. FUAS – Vi muito bem que são as sobrinhas de d. Lancerote.

FAGUNDES – Essas mesmas são: ora diga-me onde as viu?

D. FUAS – Promete-me vossa mercê fazer-me quanto eu lhe pedir?

FAGUNDES – Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

D. FUAS – Pois descanse, que elas aqui estiveram e agora foram para casa.

FAGUNDES – Ai, boas novas tenha.

D. FUAS – Ora pois em alvissaras<sup>33</sup> desta boa nova quero me diga como se chama...

FAGUNDES – Eu? Ambrósia Fagundes para servir a vossa mercê.

D. FUAS – Digo, como se chama a que trazia a manjerona no peito?

---

<sup>26</sup> Trecho raso de rio ou lago, por onde se pode passar a pé ou a cavalo.

<sup>27</sup> Cupido ou Eros: deus do amor na mitologia greco-romana.

<sup>28</sup> A personagem Fagundes entra, e não sai, como está no texto original.

<sup>29</sup> Tipo de capuz usado pelas viúvas e freiras.

<sup>30</sup> Fumaça. No texto: pista, indício.

<sup>31</sup> Denominação popular de anomalias ósseas da região peitoral.

<sup>32</sup> Furúnculo.

<sup>33</sup> Prêmio ou pagamento para quem traz uma boa nova.

FAGUNDES – Chama-se d<sup>a</sup>. Nize.

D. FUAS – Pois, Senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a d<sup>a</sup>. Nize, que em prêmio do meu extremo me franqueou este ramo de manjerona.

FAGUNDES – É verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

D. FUAS – E como me dizem os impossíveis que há de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galanteria de ser a minha protetora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o prêmio há de ser igual ao meu desejo.

FAGUNDES – Meu senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisto não se fala, uma delas está para casar com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

D. FUAS – E qual delas é a que casa?

FAGUNDES – Ainda se não sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que mais lhe agradar.

D. FUAS – Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos de intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de boa ventura: favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido: tenho dinheiro e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da manjerona.

FAGUNDES – Pois para mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmacha-prazeres: esta noite o espero debaixo da janela da cozinha; sabe aonde é?

D. FUAS – Bem sei.

FAGUNDES – Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

D. FUAS – Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

FAGUNDES – Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados, e um tanto fétidos: descanse, senhor, que d<sup>a</sup>. Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio e das carícias do noivo.

D. FUAS – Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

*Canta d. Fuas a seguinte*

*ária:*

Se chego a vencer  
De Nize o rigor  
De gosto morrer  
Você me verá.

Porém se um favor  
Alenta o viver  
Quem morre de amor  
Mais vida terá.

*(Vai-se)*

FAGUNDES – Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste entendendo terei boa melgueira<sup>34</sup>; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da manjerona e do alecrim.

---

<sup>34</sup> Colmeia com favos de mel.

## Cena II

*Câmara. Entram d<sup>a</sup>. Nize, d<sup>a</sup>. Cloris e Sevadilha.*

SEVADILHA – Ai, senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Em boa nos metemos!

D<sup>a</sup>. NIZE – Nunca tal nos sucedeu: que te parece, d<sup>a</sup>. Cloris, a porfia daqueles homens em nos conhecer?

SEVADILHA – Sim, senhora, como se nós fôssemos suas conhecidas.

D<sup>a</sup>. CLORIS – E a facilidade com que se namoram logo estes homens, é o que mais me admira!

SEVADILHA – Pois o maldito do criado, que tanto se meteu comigo, como piolho por costura!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que te veio dizendo?

SEVADILHA – Mil despropósitos misturados com várias finezas esfarrapadas.

*Entra Fagundes com o manto apanhado no braço.*

FAGUNDES – Ainda esses alecrins e manjeronas hão de dar-nos narizes a muita gente.

D<sup>a</sup>. NIZE – Que diz, Fagundes?

FAGUNDES – Digo que bem escusados eram estes sustos: ora dígam-se, senhoras, se seu tio viesse e as não achasse em casa, que seria de mim?

FAGUNDES – Não falemos nisso, que ainda estou a tremer.

FAGUNDES – Apostemos que isso foram conselhos desta senhora que aqui está?

SEVADILHA – Apelo eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece que me tem tomado à sua conta!

FAGUNDES – Coitada! Como se desconjura!

SEVADILHA – Ainda por amor dela me hei de sair desta casa.

*Entra d. Lancerote.*

D. LANCEROTE – Fagundes, depressa, vá deitar mais um ovo nos espinafres, que aí vem meu sobrinho d. Tibúrcio, já que sou tão desgraçado, que por mais meia hora não chega depois do jantar.

FAGUNDES – Eu vou, meu senhor; mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho.

D. LANCEROTE – Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Já vem tarde.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Veremos a cara a este noivo.

SEVADILHA (*À parte*) – Pois dizem que é um galante lapuz<sup>35</sup>.

*Entra d. Tibúrcio com botas, vestido ridiculamente.*

D. LANCEROTE – Amado sobrinho, dá-me os braços. É possível que veja a um filho de meu irmão!

---

<sup>35</sup> Indivíduo grosseiro, sem cultura nem boas maneiras.

D. TIBÚRCIO – Sim, senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquelas choiriças<sup>36</sup>, que vêm no alforje, não as dizime o arrieiro<sup>37</sup>, que tem em cada mão cinco águias rapantes<sup>38</sup>.

D. LANCEROTE – Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

D<sup>a</sup>. NIZE – Muito bom princípio leva.

SEVADILHA (*À parte*) – Parece que o seu gênio mais se casa com o alforje.

D. TIBÚRCIO (*À parte*) – As primas não são más; porém a moça me toa<sup>39</sup> mais.

*Entra d. Lancerote.*

D. LANCEROTE – Sossegai, sobrinho, que já está tudo arrecadado.

D. TIBÚRCIO – Agora, sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue do meu progenitor, permiti que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por dedo.

D. LANCEROTE – Levantai-vos; sois discreto, meu sobrinho: pois vosso pai era um pedaço d’asno, Deus lhe perdoe.

D. TIBÚRCIO – Não está mais na minha mão; em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. LANCEROTE – Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, d<sup>a</sup>. Nize e d<sup>a</sup>. Cloris.

D. TIBÚRCIO – Eu vou a isso.

*Soneto*<sup>40</sup>

Primas<sup>41</sup>, que na guitarra da constância  
Tão iguais retinis no contraponto<sup>42</sup>  
Que não há contraprima nesse ponto,  
Nem nos porpontos<sup>43</sup> noto dissonância:  
Oh falsas não sejais nesta jactância;  
Pois quando atento os números vos conto,  
Nessa beleza harmônica remonto  
Ao pletro da flebina<sup>44</sup> consonância:  
Já que primas me sois, sede terceiras<sup>45</sup>  
De meu amor, por mais que vos agaste  
Ouvir de um cavalete<sup>46</sup> as frioleiras<sup>47</sup>;  
Se encordoais<sup>48</sup> de ouvir-me, ó primas, baste

<sup>36</sup> Chouriço. Iguaria defumada composta de carne e sangue de porco.

<sup>37</sup> Homem que guia e cuida dos animais de carga.

<sup>38</sup> O sentido do texto original de 1737 é que o arrieiro tem em cada mão “cinco águias rapantes” (rapinantes) ou seja, cinco dedos prontos a roubar as chouriças. Na edição brasileira de 1939 a expressão foi substituída por “aguirrapantes”, palavra inexistente.

<sup>39</sup> Agradar.

<sup>40</sup> O soneto de d. Tibúrcio usa e abusa dos termos musicais, como veremos a seguir.

<sup>41</sup> Trocadilho entre as primas carnis de Tibúrcio e as primas, as cordas mais finas de certos instrumentos (guitarra, vila, violão e violino), as que emitem o som mais agudo.

<sup>42</sup> Arte de compor música para dois ou mais instrumentos ou vozes.

<sup>43</sup> Acabamento. Arremate.

<sup>44</sup> Forma chorosa de canto. Lamento.

<sup>45</sup> Trocadilho entre a expressão musical “terceira” ou “terça” (intervalo de três graus na escala diatônica) e “terceira” (mulher alcoviteira).

<sup>46</sup> Pequena peça de madeira ou metal que sustenta as cordas de certos instrumentos.

<sup>47</sup> Tolices.

De dar à escaravelha<sup>49</sup> em tais asneiras,  
Que enfim isto de amor é um lindo traste.

D. LANCEROTE – Também sois poeta, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO – Também temos nosso entusiasmo, senhor tio; isto cá é veia capilar e natural.

D. LANCEROTE – Oh quanto me pesa que sejais poeta, pois por força haveis de ser pobre.

D. TIBÚRCIO – Agora, senhor, eu sou um rico poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquência? Não me respondeis?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Os anjos lhe respondam.

D<sup>a</sup>. NIZE – Ai não há mais que dizer.

D. TIBÚRCIO – Ah senhor tio, esta rapariga é cá da obrigação da casa?

D. LANCEROTE – É moça da almofada.

D. TIBÚRCIO – Não é mal estreada; e que olhos tem! Benza-te Deus!

SEVADILHA – Quer Deus que trago um corninho por amor do quebranto.

D. LANCEROTE – Eu cuido, sobrinho, que mais vos agrada a criada do que a noiva.

D. TIBÚRCIO – Tudo o que é desta casa me agrada muito.

D. LANCEROTE – Agora vamos ao intento: sabereis, minhas sobrinhas, que vosso primo d. Tibúrcio, filho de meu irmão d. Tifônio e de d<sup>a</sup>. Pantaleoa Reboldan, a qual era também irmã de vosso pai, e meu irmão d. Blianiz, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimônia, que para mais é o seu primor.

D. TIBÚRCIO – Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo, desejo meter no coração tudo o que for desta casa.

D. LANCEROTE – Eu o creio, meu sobrinho: nosso saís a vosso pai.

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Não vi maior asno!

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Nem eu maior simples!

*Diz dentro Simicúpio*<sup>50</sup>.

SIMICÚPIO – Quem merca o alecrim?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Ó Sevadilha, chama a esse homem do alecrim; anda depressa.

SEVADILHA (*À parte*) – Entrou no fadário<sup>51</sup>!

D. LANCEROTE – Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber que há nesta terra dois ranchos, um do alecrim, outro da manjerona, e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

D. TIBÚRCIO – E vossa mercê consente que minhas primas sigam essas parcialidades?

D. LANCEROTE – Não vêdes que é moda, e como não custa dinheiro, bem se pode permitir?

D. TIBÚRCIO – Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo.

D. LANCEROTE – E a razão?

---

<sup>48</sup> Encordoar: ato de colocar cordas num instrumento musical. Antigamente era também um sinônimo de desconfiar. Daí o duplo sentido da frase.

<sup>49</sup> Forma arcaica de cravelha, parte do instrumento musical de cordas que possibilita a afinação.

<sup>50</sup> Simicúpio grita fora de cena.

<sup>51</sup> Destino talhado por um poder inexorável, quase sobrenatural. Fado.

D. TIBÚRCIO – Não sei.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estilos da corte.

D<sup>a</sup>. NIZE – Calai-vos, mana, que ele há de ser o maior apaixonado que há de ter o alecrim e a manjerona.

D. TIBÚRCIO – Se eu enlouquecer, não duvido.

*Entra Simicúpio com um molho de alecrim ao ombro.*

SIMICÚPIO – Quem quer o alecrim?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Anda para cá: tem mão, não o ponhas no chão.

SIMICÚPIO – Pois aonde o hei de pôr?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Aqui no meu colo: aí, no chão o meu alecrim? Isso não.

SIMICÚPIO – Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

D<sup>a</sup>. CLORIS – A quanto é o molho?

SIMICÚPIO – A real e meio, por ser para vossa mercê?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Pões aí cinquenta molhos.

SIMICÚPIO – Pelo que vejo, esta é d<sup>a</sup>. Cloris. (*À parte*) Eis aí tem todos os molhos, reparta lá com a senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

D<sup>a</sup>. NIZE – Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Já sei, que esta é a da manjerona de d. Fuas.

D. TIBÚRCIO – Bem haja minha prima, que não é destas invenções.

D. LANCEROTE – Porque é da manjerona, por isso aborrece o alecrim.

D. TIBÚRCIO – Resta-me que vossa mercê também tenha algum rancho.

D. LANCEROTE – Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

SIMICÚPIO - Ora demos princípio à tramóia. (*À parte*) Ai, senhores, quem me acode?

D. LANCEROTE – Que tens, homem?

SIMICÚPIO – Ai, ai, confissão.

*Cai Simicúpio estrebuchando, fingindo um acidente.*

D<sup>a</sup>. CLORIS – Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D<sup>a</sup>. NIZE – Tão venenoso é o teu alecrim, que mata a quem o traz?

D. LANCEROTE – Olá, tragam água.

*Entram Fagundes e Sevadilha com uma quarta<sup>52</sup>.*

SEVADILHA – Ai, senhores, que isto é acidente de gota coral!<sup>53</sup>

SIMICÚPIO (*À parte*) – O coral de teus lábios que acidentes não fará?

D. LANCEROTE – A unha de grão besta<sup>54</sup> é boa para isto.

D. TIBÚRCIO – Puxem-lhe pelos dedos, que também é bom remédio.

*d. Lancerote, d. Tibúrcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Simicúpio e este com o estrebuchamento fará cair a todos.*

D. LANCEROTE – Mostra cá o dedo.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Agradeço o anel.

D. TIBÚRCIO – E a força que tem o selvagem!

SEVADILHA – Eu não posso com ele.

<sup>52</sup> Vaso de barro usado para portar água..

<sup>53</sup> Denominação arcaica da epilepsia.

<sup>54</sup> Denominação popular arcaica de unha comprida

SIMICÚPIO – Lá vai o dedo polegar com os diabos? Eu estou capaz de tornar a mim, antes que me deixem despedaçado.

D. LANCEROTE – Borrifa-o, Fagundes.

FAGUNDES – Ora deixem-no comigo. (*Borrifa-o*)

SIMICÚPIO – Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece que tem apostema<sup>55</sup> no bofe<sup>56</sup>.

D<sup>a</sup>. NIZE – Não se cansem, que ele não torna a si tão cedo.

SIMICÚPIO – Essa é a verdade.

FAGUNDES – Mas pelo sim pelo não, eu lhe vazo esta quarta; que quando Deus quer, água fria é mezinha<sup>57</sup>.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Valha-te o diabo, que me deitaste água na fervura! Eu não tenho mais remédio que aquietar-me, senão virá como remédio algum pau santo<sup>58</sup> sobre mim.

FAGUNDES – Senhores, ele está mais sossegado depois da água, venham jantar, que a mesa está posta.

D. LANCEROTE – Vai buscar o meu capote e cobre-o, que está tremendo o miserável.

SIMICÚPIO (*À parte*) – É maravilha, que um miserável cubra outro<sup>59</sup>.

D. TIBÚRCIO – Aquilo são convulsões; mas bom é cobri-lo por amor do ar.

*Entra Fagundes com um capote.*

FAGUNDES – Eis aí o capote; se ele o babar, babado ficará.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Anda, tola, que não me babo.

D. LANCEROTE – Tu, Sevadilha, tem sentido neste homem, enquanto jantamos: vinde, sobrinho. (*Vai-se*)

D. TIBÚRCIO – Vamos, que tenho uma fome horrenda. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. NIZE – É galante figura o tal meu primo! (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – Fagundes, agasalha este alecrim.

FAGUNDES – Tanto me importa; se fora manjerona, ainda, ainda. (*Vai-se*)

SEVADILHA – Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

SIMICÚPIO – Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou minha enfermeira. Ai, que suponho que é a menina do malmequer, que lá traz um no cabelo: vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem. (*Vai-se erguendo*)

SEVADILHA – Deite-se, deite-se. Ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá.

SIMICÚPIO – Cala-te, Sevadilha, não perturbes esta primeira ocasião de meu amor.

SEVADILHA – Deixe-se estar coberto.

SIMICÚPIO – Bem sei que o calafrio de meu amor é tão grande que se pôde cobrir diante d’el-rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravame<sup>60</sup> deste capote.

SEVADILHA – Ai, que o homem está louco e furioso!

---

<sup>55</sup> Abscesso. Furúnculo.

<sup>56</sup> Pulmões.

<sup>57</sup> Líquido para clister. Por extensão, qualquer tipo de medicamento.

<sup>58</sup> Uma das denominações da madeira ébano, conhecida pela sua dureza. Simicúpio portanto revela temer levar uma surra.

<sup>59</sup> Na edição brasileira de 1939, está escrito erroneamente “ouro” e não “outro”.

<sup>60</sup> Incômodo.

SIMICÚPIO – A fúria com que te ausentas, me faz enlouquecer: não fujas, Sevadilha, que eu sou aquele sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus impérios, que sou um criado de vossa mercê.

SEVADILHA – Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

SIMICÚPIO – Cuidavas que não havia saber buscar modo para ver-te?

SEVADILHA – Queres que vá chamar a d<sup>a</sup>. Cloris ou d<sup>a</sup>. Nize?

SIMICÚPIO – Logo irás chamar a d<sup>a</sup>. Cloris; mas primeiro atende à chamada de meu amor; que se o fogo tem línguas e as paredes tem ouvidos, bem pode a dura parede de teu rigor escutar a labareda em que me abraso: muita coisinha te poderia eu dizer; porém a ocasião não é para isso.

SEVADILHA – Nem eu estou para essoutro<sup>61</sup>.

SIMICÚPIO – Eu o dissera, que o teu malmequer não é para menos.

SEVADILHA – Nem a tua pessoa é para mais.

SIMICÚPIO – Pois isso é de veras? Olha, que desconfio.

SEVADILHA – Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte anos de deprêzos, como há muitos que aturam, levando com as janelas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, sofrendo geadas, apurando-se em romances, dando descantes<sup>62</sup>, feitos estátuas de amor no templo de Vênus, e contudo estão mui contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

SIMICÚPIO – Para que me desenganes, se me queres, ou não.

SEVADILHA – Pergunta-o ao malmequer, que ele to dirá.

SIMICÚPIO – Se eu o tivera aqui, fizera essa experiência.

SEVADILHA – E aonde está o que eu te dei?

SIMICÚPIO – Lá o tenho empapelado<sup>63</sup>, que cuido que o ar mo leva.

SEVADILHA – Assim te leve o diabo.

SIMICÚPIO – Levará que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

SEVADILHA – Apanha aquele malmequer, que está junto àquela porta e pergunta-lho, que ele to dirá.

SIMICÚPIO – Pois acaso nas folhas do malmequer, estão escritos os teus amores ou os teus desdêns?

SEVADILHA – Da mesma sorte que a *buena dicha*<sup>64</sup> na palma da mão.

SIMICÚPIO – Eu vou apanhar o dito malmequer. (*Vai-se*)

SEVADILHA – Quem me dera que ficasse em malmequer, para o fazer andar à prática!

*Entra Simicúpio com um malmequer.*

SIMICÚPIO – Eis aqui o malmequer: ora vamos a isso; que se há flores, que são desenganos da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bemmequer.

SEVADILHA – Isso é como uma sorte.

---

<sup>61</sup> Esse outro.

<sup>62</sup> Cantiga popular.

<sup>63</sup> Embrulhado em papel.

<sup>64</sup> Sorte ou destino lido pelas ciganas na palma das mãos dos clientes.

SIMICÚPIO – Queira Deus não se converta o malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha: amor, se sai a coisa como eu quero, eu te prometo um arco de pipa<sup>65</sup> e uma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

*Canta Simicúpio a seguinte*

*ária*

Oráculo de amor  
Propício me responde  
Nas ânsias deste ardor  
Bem me queres, mal me queres  
Bem me queres, disse a flor.  
Ai de mim, que me quer mal  
Teu ingrato malmequer!  
Acabou-se o meu cuidado,  
Que mais tenho que esperar?  
Vou-me agora regalar,  
Levar boa vida, comer, e beber.

*Entra d<sup>a</sup>. Cloris.*

D<sup>a</sup>. CLORIS – Oh, quanto folgo, que já estejas bom!

SIMICÚPIO – E tão bom, que me parece que nunca tive nada.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Com que saraste?

SIMICÚPIO – Com o mesmo mal; porque também há males que vem por bem.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que dizes, que não te entendo? Estás louco?

SIMICÚPIO – Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te viu assim por maior, esta manhã; e assim para significar-te a tremendíssima eficácia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus átomos, para que com os disfarces do alecrim possa merecer os teus agrados.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Sevadilha, põe-te a espreitar não venha alguém.

SEVADILHA – Sim senhora. Arrelá<sup>66</sup> como ardil do homem. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – E quem é esse teu amo, que tanto me adora?

SIMICÚPIO – É o senhor d. Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia*<sup>67</sup> Londres e Paris.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que ofício tem?

SIMICÚPIO – Há de ter um de defuntos, quando morrer.

D<sup>a</sup>. CLORIS – E enquanto vivo, em que se ocupa?

SIMICÚPIO – Em morrer por vossa mercê.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Fala a propósito.

SIMICÚPIO – Senhora, meu amo não necessita de ofícios para manter os seus estados, porque tem várias propriedades consigo muito boas; além disso tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta<sup>68</sup>, tão grande que é necessário vinte e quatro horas, para se correr toda.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Quanto fará toda de renda.

---

<sup>65</sup> Arco-de-pipa é a madeira da árvore ipê. Talvez Simicúpio prometa um ipê (árvore frondosa) em troca do malmequer (frágil florzinha) para impressionar Sevadilha.

<sup>66</sup> Arrelar: gritar.

<sup>67</sup> Por exemplo.

<sup>68</sup> Trocadilho com a palavra quinta, que pode ser quinta-feira e também uma grande propriedade rural.

SIMICÚPIO – Não se pode saber ao certo; sei que tem várias rendas em Flandres e outras em Peniche e estas bem grossas; também tem um foro de fidalgo e um juro de nobreza.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Basta que é fidalgo?

SIMICÚPIO – Como as estrelas, que as vê ao meio dia e a estas horas não vê outra coisa; e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente que descende de Adão.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Se isso é assim, talvez que me incline a querê-lo para meu esposo.

SIMICÚPIO – Venha a resposta, senhora, que meu amo está esperando com língua de palmo.

D<sup>a</sup>. Cloris – Pois ouve o que lhe há de dizer.

*Canta d<sup>a</sup>. Cloris a seguinte*

*ária*

Dirás ao meu bem,  
Que não desconfie,  
Que adore, que espere,  
Que à sua firmeza  
Constante serei.  
Que firme eu também  
A tanta fineza  
Amante constante  
Extremos farei.

*(Vai-se)*

SIMICÚPIO – Vencido está o negócio; mas o capote do velho cá não há de ficar por vida de Simicúpio; que se a ocasião faz o ladrão hei de sê-lo por não perder a ocasião. *(Vai-se com o capote)*

*Entra Sevadilha*

SEVADILHA – Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto rosto? Ai mofina desgraçada, que há de ser de mim, se meu amo não achar o seu rico capote?

*Entra d. Lancerote*

D. LANCEROTE – Já sarou o homem, Sevadilha?

SEVADILHA – Sim senhor.

D. LANCEROTE – Já se foi?

SEVADILHA – Sim senhor.

D. LANCEROTE – Guardaste o capote?

SEVADILHA *(À parte)* – Aí é ela.

D. LANCEROTE – Não ouves? Guardaste o capote?

SEVADILHA – Qual capote?

D. LANCEROTE – O meu.

SEVADILHA – Qual meu?

D. LANCEROTE – O meu de Saragoça.

SEVADILHA – Ah sim, o capote do homem do alecrim?

D. LANCEROTE – Qual homem?

SEVADILHA – O do acidente.

D. LANCEROTE – Tu zombas?

SEVADILHA – Zombaria fora, o homem levou o capote.

D. LANCEROTE – O meu capote?  
SEVADILHA – Eu não sei se ele era de vossa mercê; o que sei é que o homem do alecrim levou um capote com que estava coberto.  
D. LANCEROTE – E como o levou?  
SEVADILHA – Nos ombros.  
D. LANCEROTE – O meu capote furtado?  
SEVADILHA – Pois nunca se viu furtar um capote?  
D. LANCEROTE – Não, bribantona<sup>69</sup>, que era um capote aquele que nunca ninguém o furtou. Oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te visite com os teus raios!  
SEVADILHA – Santa Bárbara!  
D. LANCEROTE – Tu, descuidada, hás de pôr para ali o meu capote ou do corpo to hei de tirar.  
SEVADILHA – Como mo há de tirar do corpo se eu o não tenho?  
D. LANCEROTE – Desta sorte.

*Cantam d. Lancerote e Sevadilha a seguinte  
ária a duo*

D. LANCEROTE  
Moça tonta, descuidada,  
SEVADILHA  
Há muita mulher mais desgraçada  
Neste mundo? Não, não há.  
D. LANCEROTE  
Se não dás o meu capote.  
Tua capa hei de rasgar.  
SEVADILHA  
Não me rasgue a minha capa.  
D. LANCEROTE  
Dá-me, moça, o meu capote.  
SEVADILHA  
Minha capa.  
D. LANCEROTE  
Meu capote.  
AMBOS  
Trata logo de o pagar.  
D. LANCEROTE  
Meu capote assim furtado!  
SEVADILHA  
Meu adorno assim rasgado!  
AMBOS  
Que desgraça!  
D. LANCEROTE  
Contra a moça.  
SEVADILHA  
Contra o velho.

---

<sup>69</sup>De bribado: furioso, raivoso, espevitado.

AMBOS  
A justiça hei de chamar:  
Meu capote donde está?  
(*Vão-se*)

Cena III

*Praça: no fim haverá uma janela. Entra d. Gilvaz embuçado.*

D. GILVAZ – Disse a Simicúpio que aqui o esperava; mas tarda tanto, que entendo o apanharam na empresa. Mas, se será aquele que aí vem? Não é Simicúpio, que ele não tem capote. Quem será?

*Entra Simicúpio embuçado em um capote.*

SIMICÚPIO – Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deus não me cheguem ao vulto; não sei se torne para trás, mas pior é mostrar covardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

D. GILVAZ – Ele se vem chegando e eu confesso que não estou todo trigo<sup>70</sup>.

SIMICÚPIO – Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarei.

D. GILVAZ – Vossa mercê pode passar.

SIMICÚPIO – Ai, que é d. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valeroso<sup>71</sup>. Quem está aí? Fale, quando não despeça-se desta vida, que o mando para a outra.

D. GILVAZ – Primeiro perderás a sua, quem me intenta reconhecer.

SIMICÚPIO – Tenha mão, senhor d. Gilvaz, que sou Simicúpio.

D. GILVAZ – Se não falas, talvez que a graça te saísse cara.

SIMICÚPIO – Igual a vossa mercê, que se o não conheço pela voz, sem dúvida, senhor d. Gilvaz, lhe prego com o seu nome na cara<sup>72</sup>.

D. GILVAZ – Deixemos isso, dá-me novas de d<sup>a</sup>. Cloris; dize, pudeste dar-lhe o recado?

SIMICÚPIO – Não sabe que sou o César dos alcoviteiros? Fui, vi e venci.

D. GILVAZ – Dá-me um abraço, meu Simicúpio.

SIMICÚPIO – Não quero abraços, venham as alvíssaras, senão emudeci como oráculo.

D. GILVAZ – Em casa tas darei: conta-me primeiro, que fazia d<sup>a</sup>. Cloris?

SIMICÚPIO – Isso são contos largos, estava toda rodeada de braseiros de alecrim, com um rante molho dele no peito, cheirando a rainha da Hungria, mascando alecrim, como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de alecrim e finalmente, senhor, com o alecrim anda toda tão verde, como se tivesse tircia<sup>73</sup>.

D. GILVAZ – E do mais que passaste?

---

<sup>70</sup> No texto: valente.

<sup>71</sup> Valoroso.

<sup>72</sup> Trocadilho com a palavra gilvaz, também um sinônimo de cicatriz.

<sup>73</sup> Icterícia: doença hepática que se caracteriza pelo tom amarelo esverdeado da pele dos doentes.

SIMICÚPIO – Isso é para mais devagar, basta que saiba por hora, que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de d<sup>a</sup>. Cloris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasgada<sup>74</sup> com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei à mão tente<sup>75</sup>.

D. GILVAZ – Incríveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

SIMICÚPIO – Este é o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos e ganhei-lhe este capote; e se vossa mercê soubera a virtude que ele te, pasmaria.

D. GILVAZ – Que virtude tem?

SIMICÚPIO – É um grande remédio para sarar acidentes de gota coral.

D. GILVAZ – Conta-me isso.

*Entra d. Fuas embuçado.*

SIMICÚPIO – Falemos de manso, que aí vem um homem.

D. FUAS – Esta é a janela da cozinha de d<sup>a</sup>. Nize, que apesar da escuridade da noite, a conhece o meu instinto pelos eflúvios odoríferos que exala a pancava<sup>76</sup> daquela fênix<sup>77</sup>.

D. GILVAZ – Simicúpio, um homem ao pé da janela de d<sup>a</sup>. Cloris? Isto não me cheira bem.

SIMICÚPIO – Como lhe há de cheirar bem, se isto aqui é um monturo<sup>78</sup>?

*Aparece Fagundes à janela.*

FAGUNDES – Cé, é vossa mercê mesmo?

D. FUAS – Sou eu mesmo e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

D. GILVAZ – Não ouviste aquilo, Simicúpio.

SIMICÚPIO – Aquilo é que não cheira bem, senhor d. Gilvaz.

FAGUNDES – Não basta que vossa mercê diga que é mesmo, é necessário a senha e a contra-senha.

D. FUAS – Pois atenda.

*Canta d. Fuas o seguinte  
minuete<sup>79</sup>*

Já que a fortuna  
Hoje me abona,  
A manjerona  
Quero exaltar.  
No seu triunfo  
Que a fama entoa,  
Palma e coroa  
Há de levar.  
Há de por certo,  
que a sua rama  
Na voz da fama  
Sempre andar.

D. GILVAZ – Este é d. Fuas, pela senha da manjerona: que te parece, Simicúpio. o quanto tem adiantado o seu amor?

---

<sup>74</sup> Engasgada.

<sup>75</sup> Mão firme.

<sup>76</sup> Perfume do incenso.

<sup>77</sup> Ave mitológica que morria por auto-combustão e renascia das próprias cinzas. d. Fuas, com seu modo empolado e ridículo de falar, refere-se a uma simples galinha na panela.

<sup>78</sup> Lixeira.

<sup>79</sup> Forma musical clássica, que no século XVIII foi assimilada nas suites instrumentais por Bach e Haendel.

SIMICÚPIO – *Quidquid sit*, o primeiro milho é dos pássaros, o segundo é cá para os melros.

FAGUNDES – Suba por esta escada. (*Lança a escada*)

D. FUAS – Segure bem. (*Sobe*)

SIMICÚPIO – Senhor d. Gil, agora é tempo de subir também, pois estamos em era de atrepar<sup>80</sup>; não perca a ocasião.

D. GILVAZ – Vem tu também. (*Sobe*)

SIMICÚPIO – Eu também vou a render à escala vista esse castelo de Cupido<sup>81</sup>.

FAGUNDES – Tenha mão, senhor, que é o que quer?

D. GILVAZ - manjerona.

FAGUNDES – Vossa mercê, meu fidalgo, quem procura?

SIMICÚPIO – Também manjerona em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

FAGUNDES – Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

SIMICÚPIO – Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

FAGUNDES – Vá-se daí, que não conheço flamengos<sup>82</sup> à meia noite.

SIMICÚPIO – Tem mão, não me empurres.

FAGUNDES – Não há de entrar.

SIMICÚPIO – Ó mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

FAGUNDES – Vá-se com os diabos, seja quem for.

*Empurra a escada e cai com Simicúpio.*

SIMICÚPIO – Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o semicúpio<sup>83</sup>, que me fizeste tomar. Estes são os ossos do ofício; mas para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma coisa: ao menos se não morri da queda vou para casa com uma escada.

*Vai-se Simicúpio e leva a escada.*

#### Cena IV

*Gabinete. Sai Fagundes trazendo pela mão a d. Fuas e de trás virá d. Gilvaz embuçado.*

FAGUNDES – Pise de mansinho; que se acorda, será para nos enforcar.

D. FUAS – Recontou a d<sup>a</sup>. Nize os extremos com que a idolatro?

FAGUNDES – Não me ficou nada no tinteiro: meu senhor, nessa matéria tenho tanta elegância, que sou outra Marca Túlia Cicerona<sup>84</sup>.

D. FUAS – Ai, Fagundes, se casará d<sup>a</sup>. Nize com o primo! Mas quem está aqui atrás de nós?

---

<sup>80</sup> O mesmo que trepar, subir, montar.

<sup>81</sup> Denominação romana de Eros, o deus grego do amor.

<sup>82</sup> Denominação dos naturais de Flandres, região da Bélgica e da França, que falam um dialeto do holandês. Também sinônimo de holandês. No texto original está “framengos”.

<sup>83</sup> No texto original está escrito “simucúpio”, palavra não dicionarizada. Encontramos “semicúpio”, com o significado de banho de asseio, ou seja, banho das partes pudendas. Como Simicúpio pode ter caído da escada com o traseiro no chão numa poça de água, daí talvez a graça do trocadilho.

<sup>84</sup> Alusão a Marco Túlio Cícero (106-43 AC), o mais conceituado dos estilistas romanos.

D. GILVAZ (*À parte*) – Não quero dar-me a conhecer a d. Fuas, por ver se com os zelos desiste da empresa, para que só triunfe o alecrim.

D. FUAS – Cavalheiro, vós aqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

D. GILVAZ – O mesmo que vós buscais.

D. FUAS – O que eu busco, não vos pode pertencer.

D. GILVAZ – Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

FAGUNDES – Senhores meus, acomodem-se, que pode acordar o senhor d. Lancerote e o dano será de todos.

D. FUAS – Queres que me cale à vista dos meus zelos?

*Entra d<sup>a</sup>. Nize.*

D<sup>a</sup>. NIZE – Que ruído é este, Fagundes?

D. FUAS – Sinto, senhora d<sup>a</sup>. Nize, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

D<sup>a</sup>. NIZE – Não sei que motivo haja para os haver.

D. FUAS – Este senhor embuçado que aqui me vem seguindo, e diz que procura o mesmo que eu busco.

D<sup>a</sup>. NIZE – Sabe ele por ventura o que vós procurais?

D. FUAS – Ele diz que sim, certo é que o sabe.

D<sup>a</sup>. NIZE (*para d. Gil*) – Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito?

D. GILVAZ (*À parte*) – Nada hei de responder.

D. FUAS – Quem cala consente: não averigüemos mais, senhora d<sup>a</sup>. Nize, só sinto que a sua manjerona admita enxertos de outras plantas.

D<sup>a</sup>. NIZE – Esse é o pago que me dais, de admitir a vossa correspondência, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

D. FUAS – Melhor fora desenganar-me, que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

D<sup>a</sup>. NIZE – Pois eu digo-vos que estou inocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dize-lo para me acreditares.

D. FUAS – E bastava ver eu o contrário, para não acreditar essas desculpas.

D<sup>a</sup>. NIZE – Pois visto isso, fiquemos como dantes.

D. FUAS – De que sorte?

D<sup>a</sup>. NIZE – Desta sorte.

*Canta d<sup>a</sup>. Nize a seguinte*

*ária*

Suponha, senhor  
Que nunca me viu,  
E que é o seu amor  
Assim como a flor,  
Que apenas nasceu,  
E logo murchou.  
Pois tanto me dá  
De seu pertender<sup>85</sup>,  
Que firme suponho  
Seria algum sonho,

---

<sup>85</sup> Pretender.

Que pouco durou.

*Vai-se*

D. FUAS – Nize cruel, isso ainda é maior tirania; escuta-me. (*Vai-se*)

FAGUNDES – Vá lá dar-lhe satisfações, que ela é bonita para essas graças. E vossa mercê, senhor rebuçado<sup>86</sup>, a que fim quis profanar o sagrado desta casa?

D. GILVAZ – A ver o bem que adoro.

FAGUNDES – Vossa mercê está zombando? Aqui não há quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato, e honra desta casa.

D. GILVAZ – Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma janela e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

FAGUNDES – Aquele homem é primo carnal da senhora d<sup>a</sup>. Nize.

D. GILVAZ – Pois eu também quero ser muito conjunto da senhora d<sup>a</sup>. Cloris: ora faça-me o favor de a ir chamar.

FAGUNDES – Que diz? A senhora d<sup>a</sup>. Cloris? Olha tu lá d<sup>a</sup>. Cloris não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilícios<sup>87</sup>, jejuando a pão e água; tire daí o sentido, meu senhor.

D. GILVAZ – Se a não fores chamar a irei eu buscar.

FAGUNDES – Ai, senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remédio tenho, senão chama-la, antes que o homem faça alguma asneira, que ele tem cara de arremeter. (*Vai-se*)

D. GILVAZ – Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretagem<sup>88</sup>: basta que lha dê d. Fuas.

*Entra d<sup>a</sup>. Cloris.*

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor, vossa mercê, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

D. GILVAZ – Eu, Senhora d<sup>a</sup>. Cloris, sou D. Gilvaz, aquele impaciente amante, que atropelando impossíveis vem, qual salamandra de amar, a abraçar-se nas chamas do seu alecrim, como vítima da mesma chama<sup>89</sup>.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor d. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao lícito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente, que primeiro não haja de experimentar no crisol<sup>90</sup> da constância os raios do seu amor.

D. GILVAZ – Mui pouco conceito fazeis da vossa beleza; pois se antes de admirar essa formosura em ocultas simpatias, soubestes atrair todos os meus afetos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorar-vos com tão imóvel constância, que primeiro se moverão as estrelas fixas, que sejam errantes as minhas adorações?

D. CLORIS – Isso é deveras, senhor d. Gil?

D. GILVAZ – Se eu morro deveras, como hei de falar zombando?

*Soneto*

Tanto te quero, ó Cloris, tanto, tanto;

---

<sup>86</sup> Embuçado.

<sup>87</sup> Veste dos penitentes, de tecido áspero e com farpas de madeira, para propositalmente ferir a pele.

<sup>88</sup> Corretagem. Percentagem do intermediário em uma transação.

<sup>89</sup> Segundo a alquimia, a salamandra (espécie de lagarto) pode entrar e sair do fogo sem se queimar, por ser o elemental do próprio fogo. Daí o trocadilho de d. Gilvaz.

<sup>90</sup> Caldeira onde se fundem metais.

E tenho neste tanto, tanto tanto,  
Que em cuidar que te perco, me espavento,  
E em cuidar que me deixas, me ataranto.  
Se não sabes (ai Cloris) o quanto o quanto  
Te idolatra rendido o pensamento,  
Digam-me todos meus suspiros cento a cento,  
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.  
Oh quem pudera agora encarecer-te  
Os esquisitos modos adorar-te  
Que amor soube inventar para querer-te!  
Ouve, Cloris; mas não, que hei de assustar-te!  
Porque é tal o meu incêndio, que ao dizer-te  
Ficarás no perigo de abrasar-te.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor d. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a língua tão solta para os encarecimentos, terá presa a vontade para os extremos.

D. GILVAZ – Como há de haver experiências na minha constância, serão os sucessos das minhas finezas os cronistas de meu amor.

*Canta d. Gilvaz a seguinte  
ária*

Viste, ó Cloris, a flor gigante,  
Que procura firme, amante,  
Seguir sempre a luz do Sol?  
Dessa sorte, sem desmaios,  
Sol, que gira, são teus raios  
E meu peito girassol.  
Mas ai, Cloris, que a luz pura  
De teus raios mais se apura  
De meu peito no crisol.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Cessa, meu bem, de encarecer-me o teu amor; já sei são verdadeiras as tuas expressões. Oh se eu tivera a fortuna, que essas vozes não as levasse o vento, para aumentar com elas a força da tua inconstância!

*Entra Sevadilha.*

SEVADILHA – É bem feito! É bem empregado!

D<sup>a</sup>. CLORIS – O que, Sevadilha?

SEVADILHA – O senhor, que está acordado.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Não pode ser a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

SEVADILHA – Falo verdade e não minto.

*Canta Sevadilha a seguinte  
ária*

Senhora, que o velho  
Se quer levantar!  
Mofina<sup>91</sup> de mim,  
Que ouvi escarrar,  
Falar e tossir!

---

<sup>91</sup> Infeliz.

(para d. Gilvaz)  
Senhor, vá se embora,  
Vá já para fora,  
Senão o papão  
Nos há de engolir.

FAGUNDES – Ui senhores, isto é coisa de brinco? O senhor seu tio está com tamanho olho aberto, que parece um leão, que está dormindo; deite fora esse homem e venha se agasalhar, que já vem amanhecendo.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Pois deitem fora a d. Gil: meu bem, estimarei que as suas obras correspondam às suas palavras. (*Vai-se*)

*Entram d<sup>a</sup>. Nize e d. Fuas.*

D<sup>a</sup>. NIZE – Fagundes, encaminha a d. Fuas, que meu tio está acordado.

D. FUAS (*À parte*) – Ainda o embuçado aqui está? E para ver! Ah cruel!

D<sup>a</sup>. NIZE – Anda, Fagundes.

FAGUNDES – Senhora, que não há escada para descerem.

D<sup>a</sup>. NIZE – E aquela por onde subiu onde está?

FAGUNDES – Empurrei-a com um homem, que também queria subir.

D. GILVAZ (*À parte*) – Devia ser Simicúpio.

D. FUAS – Pois como há de ser?

SEVADILHA – Não há mais remédio, que saltar pela janela.

FAGUNDES – Mas vejam não caiam no alfuje<sup>92</sup>.

D. GILVAZ (*À parte*) – Em boa estou metido!

D. FUAS – Aonde está a chave da porta?

SEVADILHA – A chave tem guardas, e está agasalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

D. LANCEROTE (*Dentro*<sup>93</sup>) – Fagundes, venha abrir esta janela, que já vem amanhecendo.

FAGUNDES – Eis aqui vossas mercês o que quiseram!

D. LANCEROTE (*Dentro*) – Fagundes, que faz que não vem?

FAGUNDES – Estou enxotando o gato da vizinha: sape<sup>94</sup> gato. Senhores, escondam-se aonde for.

D<sup>a</sup>. NIZE – Ai que desgraça!

D. LANCEROTE (*Dentro*) – Sevadilha, que é isto lá?

SEVADILHA (*Dentro*) – É o gato da vizinha: sape gato.

SIMICÚPIO (*Dentro*) – Abram a porta que se queima a casa: fogo, fogo!

FAGUNDES – Ai que há fogo na casa! São Marçal.

D<sup>a</sup>. NIZE – Eu estou morta!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Ai, que se queima a casa, que desgraça! (*Sai*)

D. FUAS – Pior é esta!

D. GILVAZ – Há horas minguadas!

SIMICÚPIO (*Dentro*) – Abram a porta, que há fogo, fogo!

SEVADILHA – Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup> Monturo de detritos. Alfurja.

<sup>93</sup> d. Lancerote está fora de cena, embora a rubrica original diga “dentro” (no sentido de “lá dentro”).

<sup>94</sup> Expressão usada para afugentar gatos.

<sup>95</sup> Objetos velhos e de pouco valor.

SIMICÚPIO (*Dentro*) – Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fora.  
*Entra Simicúpio com uma quarta às costas, e ao mesmo tempo sai d. Lancerote em fralda de camisa e d. Tibúrcio embrulhado em um lençol com uma candeia de garavato<sup>96</sup> na mão.*  
 SIMICÚPIO – Fogo, fogo.  
 FAGUNDES – Adonde é, meu senhor?  
 D. TIBÚRCIO – Que é isto cá?  
 D. LANCEROTE – Fogo aonde, se eu não vejo fumo<sup>97</sup>?  
 SIMICÚPIO – Como há de ver o fumo, se o fumo faz não ver?  
 D. TIBÚRCIO – Aqui me cheira a alecrim queimado.  
 D. LANCEROTE – Dizes bem: Cloris, acendeste algum alecrim?  
 D<sup>a</sup>. CLORIS – Eu, senhor, não...foi...porque sempre...  
 D. LANCEROTE – Cala-te, que eu porei o alecrim com dono; há mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos anos.  
 SIMICÚPIO – Com ela podia vossa mercê apagar este fogo.  
 D. GILVAZ (*À parte*) – Estou admirado de ver a traça<sup>98</sup> de Simicúpio!  
 D. TIBÚRCIO – Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.  
 D. LANCEROTE – Vêde, sobrinho, ainda assim não se entorna o azeite.  
 D<sup>a</sup>. NIZE – Ai os meus craveiros<sup>99</sup> de manjerona!  
 D<sup>a</sup>. CLORIS – Ai os meus olhos<sup>100</sup> de alecrim!  
 FAGUNDES – Ai a minha canastra<sup>101</sup>!  
 SEVADILHA – Ai os meus tarequinhos!  
 D. LANCEROTE – Ai a minha burra<sup>102</sup>!  
 D. TIBÚRCIO – Ai o meu alforje<sup>103</sup>!  
 SIMICÚPIO – Ai com tanto ai! Senhores, aonde é o fogo?  
 D. LANCEROTE – Vejam vossas mercês bem por essas casas aonde será.  
 SIMICÚPIO – Extremos, senhores, antes que se ateie o incêndio.  
 D. GILVAZ e D. FUAS – Vamos.  
*Saem Simicúpio, d. Fuas e d. Gilvaz e logo tornam a entrar<sup>104</sup>.*  
 D. LANCEROTE – Vereis vós, trampozinha<sup>105</sup>, que fim leva o alecrim.  
 D<sup>a</sup>. CLORIS – O alecrim não tem fim, e nunca murcha.  
*Entram os três.*  
 D. GILVAZ – Não se assustem, que não é nada.  
 D. FUAS – Já se apagou, Deus louvado.  
 D. LANCEROTE – Aonde foi?  
 SIMICÚPIO – Foi no almofariz<sup>106</sup>, que estava ao pé da isca<sup>107</sup>.

<sup>96</sup> Candeia significa vela, e garavato, graveto. Portanto Simicúpio tem na mão um graveto em chamas.

<sup>97</sup> Fumaça.

<sup>98</sup> No texto: plano, ardil.

<sup>99</sup> Vasos para flores.

<sup>100</sup> Brotos.

<sup>101</sup> Tipo de caixa forrada de couro, onde se guardam roupas e outros pertences.

<sup>102</sup> Cofre.

<sup>103</sup> Duplo saco fechado nas extremidades e aberto no meio, para transporte no lombo de animais.

<sup>104</sup> Mais uma vez aqui “entrar” significa sair de cena, e vice-versa.

<sup>105</sup> Expressão de duplo sentido. Trampa significa “excremento” e também “tramóia”; e trampão significa “trapaceiro”. Portanto d. Lancerote pode estar chamando d<sup>a</sup>. Cloris tanto de trapaceira quanto de merdinha, ou os dois.

<sup>106</sup> Pilão.

SEVADILHA – Pois eu não fui que a petisquei<sup>108</sup>.  
 FAGUNDES – Pois eu nem no ferrolho.  
 SIMICÚPIO – Pois eu ainda estou em jejum.  
 D. LANCEROTE – Ora, meus senhores, vossas mercês me vivam muitos anos pela honra que me fizeram.  
 D. GILVAZ – Sempre buscarei ocasiões de servir a esta casa. (*Vai-se*)  
 D. FUAS – E eu não menos. (*Vai-se*)  
 SIMICÚPIO – Agradeça-nos a boa vontade não mais.  
 FAGUNDES – Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.  
 D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Eu estou pasmada do sucesso!  
 D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – E eu não estou em mim!  
 D. TIBÚRCIO – Ora com licença, meus senhores, que me vou pôr em fresco. (*Vai-se*)  
 D. LANCEROTE – Eu todavia ainda não estou sossegado. Viu vossa mercê bem na chaminé?  
 SIMICÚPIO – Para que vossa mercê descanse de todo, vazarei esta quarta nos narizes daquela velha, que são duas chaminés.  
 FAGUNDES – Ai que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?  
 SIMICÚPIO – É dar-lhe a molhadura de certa obra.  
 D. LANCEROTE – Que fez vossa mercê?  
 SIMICÚPIO – Deixe, senhor; isto é para que se lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente se pode atear por um acidente.  
 FAGUNDES – Vou mudar de camisa. (*Vai-se*)  
 D<sup>a</sup>. NIZE – Tomara aproveitar os cacos para a minha manjerona<sup>109</sup>.  
 D. LANCEROTE – Esta advertência merece esta moça, que é uma descuidada, que por seus desmazelos me deixou furtar um capote.  
*Cantam d. Lancerote, Sevadilha, Simicúpio, d<sup>a</sup>. Cloris e d<sup>a</sup>. Nize a seguinte ária a cinco*  
 D. LANCEROTE  
 Tu moça, tu tonta  
 Sentido no fogo  
 Senão tu verás  
 SEVADILHA  
 Debalde é o seu rogo  
 Que fogo sem fumo  
 Não é bom sinal.  
 SIMICÚPIO  
 Que linda pilhagem  
 Num fogo selvagem  
 Que lambe voraz!  
 D<sup>a</sup>. CLORIS  
 Não sente quem ama  
 D<sup>a</sup>. NIZE

<sup>107</sup> Combustível que recebe as faíscas da pederneira para fazer fogo.

<sup>108</sup> Fazer fogo com o fuzil na pederneira.

<sup>109</sup> d<sup>a</sup>. Nize refere-se aos cacos da vasilha (quarta) que Simicúpio quebrou na cara de Fagundes.

Não temo esta chama  
AMBAS  
Que é fogo de amor.  
D. LANCEROTE  
Cuidado no fogo.  
SEVADILHA  
Debalde é o seu rogo.  
D. LANCEROTE e SEVADILHA  
Que fogo sem fumo  
Não é bom sinal  
D. LANCEROTE  
Sentido, cuidado.  
SIMICÚPIO  
Que fogo salvage.  
TODOS EXCETO D. LANCEROTE  
Que é fogo de amor  
TODOS  
Cuidado, pois, cuidado,  
Que algum furor vendado  
Fulmina tanto ardor.

## SEGUNDA PARTE

### Cena primeira

*Praça. Entram d. Gilvaz e Simicúpio.*

D. GILVAZ – Ainda não sei cabalmente aplaudir a tua indústria, ó insigne Simicúpio.

SIMICÚPIO – Nem aplaudir, nem agradecer, senhor d. Gilvaz.

D. GILVAZ – As tuas idéias são tão impossíveis de aplaudir, como de agradecer; pois todo o prêmio é diminuto, e todo o louvor é limitado.

SIMICÚPIO – Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrórios<sup>110</sup>; mais obras e menos palavras; que quero que me ajuste a minha conta.

D. GILVAZ – Para que?

SIMICÚPIO – Para pôr-me no olho da rua, que serei mais bem visto.

D. GILVAZ – Simicúpio, nem sempre o diabo há de estar atrás da porta.

SIMICÚPIO – Sim, porque entrará para dentro de casa.

D. GILVAZ – Cala-te, que se consiga a d<sup>a</sup>. Cloris com seu dote e arras<sup>111</sup>, eu te prometo que andes numa boléia<sup>112</sup>.

<sup>110</sup> Palavrório. Conjunto de palavras com pouco nexos e importância.

<sup>111</sup> Quantia ou bens prometidos em contrato nupcial pelo noivo à noiva, caso ela lhe sobreviva.

<sup>112</sup> Assento do cocheiro numa carruagem.

SIMICÚPIO – Senhor, não me ande com a cabeça à roda com essas promessas; era melhor que os prêmios andassem a rodo.

*Entra Fagundes.*

FAGUNDES – Lá deixo a d. Fuas metido numa caixa, para o introduzir com d<sup>a</sup>. Nize em casa sem sustos, como da outra vez; tomara achar um homem que ma carregasse.

D. GILVAZ – Lá vem a velha, criada de d<sup>a</sup>. Cloris.

SIMICÚPIO – Retire-se vossa mercê e deixe-me com ela.

D. GILVAZ – Pois eu aqui te espero. (*Vai-se*)

FAGUNDES – Ó filho, por vida vossa quereis levar-me uma caixa?

SIMICÚPIO – Com que achou-me vossa mercê com ombros de mariola<sup>113</sup>?

FAGUNDES – Pois perdoe-me, que cuidei que era homem de ganhar.

SIMICÚPIO – Todos nesta vida somos homens de ganhar; porém o modo é que desautoriza.

FAGUNDES – Isto não era mais que levar uma caixa às costas.

SIMICÚPIO – Pois se não é mais do que isso, entendo que não estará mal à minha pessoa.

FAGUNDES – Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

SIMICÚPIO – Mas advirta que isto em mim não é ofício; é uma mera curiosidade.

FAGUNDES – Ora Deus lhe dê saúde; olhe, ela pesa pouco e vai aqui para casa de Lancerote.

SIMICÚPIO – E de quem é a caixa?

FAGUNDES – É minha, que a que eu tinha, toda se desfaz em caruncho.<sup>114</sup>

SIMICÚPIO – Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ela. (*À parte*) Vamos, senhora. (*Vai-se*)

FAGUNDES – Ande, meu filho. (*Vai-se*)

*Entra d. Gilvaz.*

D. GILVAZ – Aonde irá Simicúpio com a velha? O maldito não perde ocasião: com semelhante jardineiro não murchará o alecrim de d<sup>a</sup>. Cloris; porém ele lá vem com uma caixa às costas.

*Entra Simicúpio com uma caixa às costas e logo a põe no chão.*

SIMICÚPIO – Desencontrei-me da velha, que andaré tonta por mim.

D. GILVAZ – Que é isto, Simicúpio?

SIMICÚPIO – Não lhe importe, vá-se enrolando, que se há de meter aqui dentro, e hei de levar esse corpinho à casa de d<sup>a</sup>. Cloris.

D. GILVAZ – Isso é quimera: como posso eu caber aí?

SIMICÚPIO – Isso não me importa a mim; abata as presunções, que logo caberá em toda a parte.

D. GILVAZ – E como havemos de abri-la, que está fechada?

SIMICÚPIO – Não sabe que a irmã gazua<sup>115</sup> sempre me acompanha? Eu a abro. (*Abre*)

D. GILVAZ – Esta tramóia é muito arriscada: que tem dentro?

SIMICÚPIO – Eu vejo uns trapos estendidos. Ande, ande, que nos importa a nós.

D. GILVAZ – Ora vamos a isso: ai Cloris, quanto me custas!

<sup>113</sup> No texto: moço de fretes.

<sup>114</sup> Tipo de besouro que devora madeira.

<sup>115</sup> Ferro curvo ou torto para abrir fechaduras.

*Mete-se d. Gilvaz na caixa e a fecha Simicúpio e logo a põe às costas e dentro também virá d. Fuas.*

SIMICÚPIO – Não há de ser má esta encaixação. Arre o que pesa a criança!

D. FUAS – Ai que me esmagam os narizes!

D. GILVAZ – Quem está aqui? Espere, vejamos o que é.

SIMICÚPIO – O que for lá se achará.

D. GILVAZ – Espera, que isto é traição

D. FUAS – Homem dos diabos, não me esborraches.

D. GILVAZ – A que d'el rei, não há quem me acuda?

SIMICÚPIO – Cale-se, tamanhão, que para boa casa vai. (*Vão-se*)

## Cena II

*Sala. Entram d. Tibúrcio e Sevadilha.*

D. TIBÚRCIO – Sevadilha, agora que estamos sós, quero-te pedir um conselho.

SEVADILHA – Se vossa mercê acha que lhos posso dar, proponha, que eu resolverei.

D. TIBÚRCIO – tu bem sabes, que eu vim para casar com uma destas duas primas minhas: ambas são belas, ao que eu entendo; só me resta saber as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos.

SEVADILHA – Senhor, ambas são mui bastantes moças, a senhora d<sup>a</sup>. Cloris é mui perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a senhora d<sup>a</sup>. Nize tem melhor juízo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto, que sendo tão rapariga, já lhe nasceu o dente do siso; porém na condição é uma víbora assanhada.

D. TIBÚRCIO – Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.

SEVADILHA – Não casar com nenhuma.

D. TIBÚRCIO – Pois eu vim cá por besta de pau?

SEVADILHA – Eu digo o que entendo em minha consciência.

D. TIBÚRCIO – Oh se pudera eu casar contigo, Sevadilha, porque só tu me caíste em graça!

SEVADILHA – Ai que graça! Diga-me isso outra vez.

D. TIBÚRCIO – Não zombo, que não estou fora de fazer eu mesmo uma parvoíce<sup>116</sup>.

SEVADILHA – Não será a primeira.

D. TIBÚRCIO – Queres tu que fujamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona da minha casa.

SEVADILHA – Diga-me destas, que gosto disso.

D. TIBÚRCIO – Sevadilha, não percas esta fortuna.

SEVADILHA – Quem é a fortuna?

D. TIBÚRCIO – Sou eu, que te quero.

SEVADILHA – Se é fortuna, será inconstante.

D. TIBÚRCIO – Ai que a moça me fala por equívocos! És discreta.

SEVADILHA – Ora vá-se com a fortuna.

*Entra Simicúpio com a caixa às costas.*

---

<sup>116</sup> Bobagem. Estupidez.

SIMICÚPIO – Quem toma conta deste arcaz?<sup>117</sup>  
D. TIBÚRCIO – Quem a manda?  
SIMICÚPIO – Uma mulher já de dias grandes, porque era bastantemente velha.  
D. TIBÚRCIO – A mim me melem, se isto não é já alguma preparação para o casamento.  
SIMICÚPIO – Vossa mercê parece que adivinha, pois para casamento é, segundo ouvi dizer a um terceiro.  
D. TIBÚRCIO – Sabes o que virá aí dentro?  
SIMICÚPIO – Cuido que é um vestido.  
D. TIBÚRCIO – E que tal?  
SIMICÚPIO – Belo na verdade, bordado com uns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão saltando.  
D. TIBÚRCIO – É de mulher, ou de homem?  
SIMICÚPIO – Tudo o que vem aqui é para mulher.  
D. TIBÚRCIO – Cuidei que era para mim.  
SEVADILHA (*À parte*) – Aquele é Simicúpio; ele que carrega a caixa, não é sem causa.  
SIMICÚPIO (*À parte*) – Sevadilha lá me está deitando uns olhos, que se vão os meus atrás deles.  
D. TIBÚRCIO – Já te pagaram?  
SIMICÚPIO – Não, senhor; mas eu esperarei pela velha.  
D. TIBÚRCIO – Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustemos o negócio!  
SEVADILHA (*À parte*) – É boa esta, ouvindo-me Simicúpio!  
D. TIBÚRCIO – Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharei os olhos a tudo, só por casar contigo.  
SIMICÚPIO (*À parte*) – Tome-se lá o que estavam ajustando os dois! Eu os estorvarei.  
D. TIBÚRCIO – Que dizes, rapariga?  
SIMICÚPIO – Ah senhor, pague-me o carroto da caixa.  
D. TIBÚRCIO – Espera, que logo vem a velha.  
SIMICÚPIO (*À parte*) – Sim, pois a moça logo vai.  
D. TIBÚRCIO – Tu ainda és menina, não sabes o que te convém.  
SEVADILHA – Eu não necessito de tutores.  
D. TIBÚRCIO – Olha que eu sou morgado<sup>118</sup> na minha terra, e terás tantos, e quantos.  
SIMICÚPIO – Senhor, pague-me o carroto da caixa, que não posso esperar.  
D. TIBÚRCIO – Logo, espera: ora, Sevadilha, isso há de ser, dá-me um abraço.  
SIMICÚPIO – Venha o carroto da caixa; é boa essa!  
SEVADILHA – É boa teima!  
D. TIBÚRCIO – Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.  
SIMICÚPIO – Ora venha já esse carroto, senão tudo vai cos diabos.  
D. TIBÚRCIO – Espera, homem: ouve, mulher.  
SEVADILHA – Vá-se daí, malcriado, aleivoso, maligno; é o que me faltava!

*Canta Sevadilha a seguinte*

<sup>117</sup> Tipo de arca de grandes dimensões.

<sup>118</sup> Herdeiro de propriedade fundiária que não pode ser dividida depois da morte do proprietário.

*ária*  
Que um tonto jarreta<sup>119</sup>,  
Que um néscio pateta,  
Me fale em amor,  
Ou é para rir,  
Ou para chorar.  
Não cuide em amores,  
Que nesses ardores,  
Só pode frigir<sup>120</sup>,  
Se pode abrasar.  
(*Vai-se*)

SIMICÚPIO – Regalou-me esta ária: vou dizer a Sevadilha, diga a d<sup>a</sup>. Cloris, que ali está meu amo; e finjo que me vou. Senhor, adeus: eu virei noutra ocasião. (*Vai-se*)

*Entra d. Lancerote com um castiçal e vela acesa e a porá encima da caixa, donde ao depois se assentarão.*

D. LANCEROTE – Sobrinho, vós bem sabeis que um hóspede, passados os três dias logo fede, como cavalo morto; isto não é dizer que fedeis, mas vos afirmo que não me cheira bem essa vossa irresolução, vendo que indeciso ainda não elegestes qual de vossas primas há de ser vossa consorte.

D. TIBÚRCIO – Senhor, as perfeições de cada uma são tão peregrinas<sup>121</sup>, que vacila a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Cloris e Nize, me parece que estou entre Cila e Caribdis.<sup>122</sup>

D. LANCEROTE – Pois, sobrinho, resolver, resolver logo e já.

D. TIBÚRCIO – Pois, senhor, se a um enforcado se dão três dias, eu que no casar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca, quem mal se casa, peço três dias também para me resolver.

D. LANCEROTE – Três dias peremptórios concedo; e para que não haja dúvidas no dote, assentai-vos e sabereis o que haveis de levar. (*Assentam-se*)

D. TIBÚRCIO – Isso é santo e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de prometido.

D. LANCEROTE – Eu, meu sobrinho, suposto tenha corrido muito mundo, com tudo me acho alcançado.

D. TIBÚRCIO – Isso é bonito!

D. LANCEROTE – Primeiramente cada uma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

D. TIBÚRCIO – Sim, senhor, são muito aseadas, nisso não há dúvida.

D. LANCEROTE – Além disso: estai atento, meu sobrinho, não deis salavancos<sup>123</sup> com a caixa, que isso é manha de bestas. (*Bole a caixa*)

D. TIBÚRCIO – Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

---

<sup>119</sup> Pessoa ridícula e que se veste mal.

<sup>120</sup> Fritar. No original está grafado “fregir”.

<sup>121</sup> De beleza rara.

<sup>122</sup> No estreito de Messina, na Grécia, os navegantes tinham de enfrentar o rochedo de Cila e o redemoinho de Caribdis, correndo o risco de, para escapar de um, cair no outro. Estar entre Cila e Caribdis, portanto, significa estar entre dois perigos inevitáveis. Algo como “entre a cruz e a calderinha” ou “se ficar o bicho pega, se correr o bicho come”.

<sup>123</sup> Solavancos.

D. LANCEROTE – Como digo, sabereis que todo o meu cabedal<sup>124</sup> anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto! (*Bole a caixa*)

D. TIBÚRCIO – Não sou eu por vida minha.

D. LANCEROTE – Não vês a caixa a saltar?

D. TIBÚRCIO – É verdade; será de contente.

*Cai a caixa com os dois.*

D. LANCEROTE – Isto agora é mais comprido.

D. TIBÚRCIO – E isto é mais estirado.

D. LANCEROTE – Ai ,quem me acode com uma luz!

*Entram d<sup>a</sup>. Clara, d<sup>a</sup>. Nize, Fagundes e Sevadilha com luz.*

TODOS – Que sucedeu?

D. TIBÚRCIO – O maior caso que viram as idades.

D. LANCEROTE – Eu, que na maior idade vi o maior caso.

D<sup>a</sup>. NIZE – Pois que foi?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que sucedeu, senhores?

SEVADILHA – Que é isto?

FAGUNDES – Que foi? Que sucedeu! Que é isto?

D. TIBÚRCIO – Esta caixa.

D. LANCEROTE – Esta arca.

D. TIBÚRCIO – Que em torcicolos.

D. LANCEROTE – Que em bamboleios.

D. TIBÚRCIO – Com pulos.

D. LANCEROTE – Com saltos.

D. TIBÚRCIO – Deitou-me no chão.

D. LANCEROTE – No chão me estendeu.

D<sup>a</sup>. NIZE – E raro caso!

D<sup>a</sup>. CLÓRIS – E caso raro!

SEVADILHA – E, não há dúvida: ai, que ela torna a bulir! Fugamos, senhores.

FAGUNDES (*À parte*) – Valha-te o diabo, d. Fuas, que tão inquieto és!

D. LANCEROTE – Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

D. TIBÚRCIO – Diz bem; abra-se a caixa.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Ai de mim, que será de d. Fuas!

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Que será de d. Gil!

D. TIBÚRCIO – Vá o tampo dentro.

SEVADILHA – Tenham mão, que pode vir dentro algum diamante que nos mate aqui a todos.

FAGUNDES – Ai santo breve da marca<sup>125</sup>!

D<sup>a</sup>. NIZE – Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

D. LANCEROTE – Vamo-nos, que a prudência é melhor que o valor. (*Vai-se*)

D. TIBÚRCIO – Pois só não quero ser valente. (*Vai-se e leva a luz*)

SEVADILHA – Ai! Não sei que pés me hão de levar! Ande, senhora.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Fazes bem em disfarçar até ao depois. (*Vai-se*)

FAGUNDES – A caixa parece que tocou a recolher.

---

<sup>124</sup> Patrimônio. Dinheiro. Capital.

<sup>125</sup> Expressão que revela espanto.

D<sup>a</sup>. NIZE – E não foi o pior o ficarmos às escuras, que assim terão todos medo de vir aqui: ora abre a caixa e diz a d. Fuas que saia.

FAGUNDES – Ai a caixa está aberta! Seria com os salabancos: saia, meu senhor, e perdoe o descômodo.

*Abre a caixa e sai d. Gilvaz.*

D. GILVAZ – Ó tu noturna deidade<sup>126</sup>, eu no caliginoso<sup>127</sup> bosque destas sombras brilhas carbúnculo<sup>128</sup> da formosura, aqui tens segunda vez no teatro de tua beleza representante a minha constância na tragicomédia de meu amor.

FAGUNDES – Senhora, quem às escuras é tão discreto, que fará às claras?

D<sup>a</sup>. NIZE – Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas, porém...

*Sai d. Fuas da caixa.*

D. FUAS – Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete pra meu desengano e tua afronta.

D<sup>a</sup>. NIZE – Que é isto, Fagundes? Que tramóias são estas?

FAGUNDES – Eu estou besta, pois só a d. Fuas meti na caixa!

D<sup>a</sup>. NIZE – Pois como aqui há outro, fora d. Fuas?

FAGUNDES – Eu não sei, em minha consciência, que não é má.

D. FUAS – Senhora d<sup>a</sup> Nize, para que são esses fingimentos? Peleje agora com Fagundes, para se mostrar inocente.

D. GILVAZ – Esta é d<sup>a</sup>. Nize; eu me recolho ao vestuário, até que venha d<sup>a</sup>. Cloris.

*Mete-se d. Gilvaz na caixa.*

D<sup>a</sup>. NIZE – Já disse, Senhor d. Fuas, que a minha constância vive isenta dessas calúnias.

D. FUAS – A que d'el-rei, senhora, quereis que dê com a cabeça por essas paredes? É possível que ainda intentais negar o que tão repetidas vezes tenho experimentado?

D<sup>a</sup>. NIZE – Senhor, é pouca fortuna de minha firmeza, encontrar sempre com acidentes de falsidade.

FAGUNDES – Senhor d. Fuas, não cuide vossa mercê que somos cá nenhuma mulher de cacaracá<sup>129</sup>: mas ali vem gente.

D<sup>a</sup>. NIZE – Recolha-se outra vez, que eu em tanto aqui me retiro. Anda, Fagundes. (*Vai-se*)

FAGUNDES – Senhor, nós já tornamos. (*Vai-se*)

D. FUAS – Mais à minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

*Esconde-se d. Fuas na caixa e entra d<sup>a</sup>. Cloris.*

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que se expusesse d. Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora, o certo é que não há mais extremoso amante; porém os sumos de alecrim têm a mesma virtude que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará aqui a caixa? Esta suponho que é. Já meu bem podes sair sem susto.

*Sai d. Fuas da caixa.*

D. FUAS – Sim, tirana, pois já me não assustam as tuas falsidades.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que falsidades? Que dizes? Enlouqueceste, ou ignoras com quem falas?

---

<sup>126</sup> Divindade.

<sup>127</sup> Escuro. Tenebroso.

<sup>128</sup> Rubi.

<sup>129</sup> Sem importância. Insignificante.

D. FUAS – Contigo falo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha felicidade.<sup>130</sup>

D<sup>a</sup>. CLORIS – Cuido que não são tantos os encontros que temos tido.

D. GILVAZ (*À parte*) – Aquela é a voz de d<sup>a</sup>. Cloris: estou ardendo com zelos<sup>131</sup>!

D. FUAS – Já estou desenganado da tua falsidade. já sei que estoutro amante, que vive encerrado nessa caixa, é o que só merece os teus agrados.

D. GILVAZ – E como que o merece; pois só ele é digno desse favor; e a quem o impedir, lhe meterei esta espada até as guarnições.

D. FUAS – Vês, ingrata, se é certa a minha suspeita?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Eu estou confusa e não sei a quem satisfaça.

D. GILVAZ – Ainda continua, insolente? Não sabe que esta dama á coisa minha?

D. FUAS – Já agora por capricho, apesar das suas aleivosias<sup>132</sup>, hei de dar a vida por minha dama.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhores, que desgraça!

D. GILVAZ – Se não estivera às escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

D. FUAS – Pois se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda assim. eu vou dando, dê donde der.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhores, dêem de manso, não os ouça meu tio.

*Cantam d. Fuas, d. Gilvaz e d<sup>a</sup>. Cloris a seguinte*

*ária a três*

D. GILVAZ

Se não fora por não sei que,

Te matara mesmo aqui.

D. FUAS

Se não fora o velho ali.

Te fizera um não sei que.

D<sup>a</sup>. CLORIS

De mansinho, pouca bulha<sup>133</sup>

Calte<sup>134</sup> gralha, calte grulha<sup>135</sup>

Porque o velho há de acordar.

D. GILVAZ

Pois aqui mui mansamente

Matarei este insolente.

D. FUAS

Também eu pela calada

Meterei a minha espada.

D<sup>a</sup>. CLORIS

De vagar, não dêem de riço,

Porque o velho há de acordar.

TODOS

Quem pudera em tanta luta

<sup>130</sup> d. Fuas confunde d<sup>a</sup>. Cloris com d<sup>a</sup>. Nize.

<sup>131</sup> No texto: ciúmes.

<sup>132</sup> Deslealdades. Traições.

<sup>133</sup> Barulho.

<sup>134</sup> Interjeição verbal, normalmente grafada como “cal-te!”, significando “cala-te!”.

<sup>135</sup> Tagarela.

Sua dor desabafar!  
D. FUAS e D. GILVAZ  
Se não grito neste caso, sou capaz de rebentar.

D<sup>a</sup>. CLORIS  
Mais que estalem, e arreentem,  
Não se há de aqui falar.

TODOS  
Não se pode isto aturar!  
(*Vão-se*)

*Entra Simicúpio pela mão de Sevadilha.*

SIMICÚPIO – Donde me levas, Sevadilha?

SEVADILHA – Ande, não me faça perguntas.

SIMICÚPIO – Não há uma candeia nesta casa, que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?

SEVADILHA – Melhor fineza é amar por fé.

SIMICÚPIO – Como, se eu não dou fé de ti?

SEVADILHA – Anda, que o amor se pinta cego.

SIMICÚPIO – Muito vai do vivo ao pintado.

SEVADILHA – Assim estamos mais à nossa vontade.

SIMICÚPIO – Andar, suponho que tenho o meu amor na Noruega: mas ainda assim isto de estar às escuras, não é grande coisa para um homem dizer à sua dama quatro hipérboles<sup>136</sup>, pois se não vejo, como poderei dizer-te que és estátua de alabastro<sup>137</sup> sobre plintos<sup>138</sup> de jaspe<sup>139</sup>, neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te considero nesta Etiópia: oh negregada ocasião, em que por falta de uma candeia não sai à luz a tua formosura!

SEVADILHA – Pois o fogo de teu amor não basta para alumiar esta casa?

SIMICÚPIO – Se a luz excessiva faz cegar, também a minha chama por excessiva não alumia; mas com tudo isto não nos metamos no escuro; falemos claro: como estamos nós daquilo que chamamos amor?

SEVADILHA – E como estamos nós do malmequer, que esse é o ponto?

SIMICÚPIO – Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

SEVADILHA – E teu amo com o alecrim?

SIMICÚPIO – Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que é Alecrim; estoutro dia estava teimoso, em que havia de cear salada de alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, assentemo-nos, que isto se não pode levar de pé.

*Assenta-se Simicúpio na caixa, que estará com o tampo levantado e cai dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.*

SIMICÚPIO – Mas aí, Sevadilha, que caí num poço sem fundo!

SEVADILHA – Aonde estás, Simicúpio?

SIMICÚPIO – Não sei aonde estou; só sei que estou aqui.

SEVADILHA – Aonde é aqui?

---

<sup>136</sup> No texto: exagero.

<sup>137</sup> Tipo de rocha muito branca e quase translúcida.

<sup>138</sup> Tipo de pedestal para estátua.

<sup>139</sup> Tipo de quartzo opaco.

SIMICÚPIO – É aqui.  
 SEVADILHA – Aqui aonde?  
 SIMICÚPIO – É boa pergunta! Eu sei cá donde são os aquís na casa alheia? Sei que estou aqui num fole como criança, que nasce impelicada, mas sem ventura<sup>140</sup>.  
 SEVADILHA – Pois sai daí e anda para aqui.  
 SIMICÚPIO – Isso é, se eu soubera ir daqui para aí.  
 SEVADILHA – Quem te impede?  
 SIMICÚPIO – Estou entupido.  
 SEVADILHA – Dá dois espirros.  
 SIMICÚPIO – Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro dela. Ora, filha, tira-me daqui, tu não ouves?  
 SEVADILHA – Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.  
 SIMICÚPIO – Busca-me fora de mim, porque não estou dentro de mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.  
 SEVADILHA – Calte, Simicúpio, que aí vem gente com luzes; adeus até logo. (*Vai-se*)  
 SIMICÚPIO – Estou no mais apertado lance, que ninguém se viu!  
*Entram d. Lancerote com uma luz e d. Tibúrcio.*  
 D. LANCEROTE – Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabelo se arrepie.  
 D. TIBÚRCIO – Se for coisa desta vida, ficará sem ela e se for da outra, a mandarei para o outro mundo.  
 D. LANCEROTE – Pois sobrinho, abri esta caixa com intrépito valor.  
 D. TIBÚRCIO – Abra vossa mercê, que é mais velho e em tudo tem o primeiro lugar.  
 D. LANCEROTE – Deixai cumprimentos, que a ocasião não é para cerimônias.  
 D. TIBÚRCIO – Por nenhum modo: não tem que se cansar, que lhe não quero tirar a glória desta empresa.  
 D. LANCEROTE (*À parte*) – O magano<sup>141</sup> contralogrou-se<sup>142</sup>; pois eu confesso que estou tremendo de medo.  
 D. TIBÚRCIO (*À parte*) – Queria arrumar-me o gigante? É bem esperto.  
 D. LANCEROTE – Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?  
 D. TIBÚRCIO – Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.  
 D. LANCEROTE – Não há mais remédio, que eu ir em corpo e alma, a ver esta alma sem corpo ou este corpo sem alma. Deus vá comigo, anjo da minha guarda, e todo o *Flos Sanctorum*<sup>143</sup> me defenda.  
 D. TIBÚRCIO – Ande tio, não tenha medo, que eu estou aqui.  
 D. LANCEROTE (*À parte*) – Pois se não fora isso, já eu deitava a correr.  
 SIMICÚPIO – Ai! que sem dúvida estou na caixa, em que trouxe a d. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentam reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

<sup>140</sup> “Nascer num fole”, na linguagem popular, significa nascer com sorte. Empelicada (ou impelicada, como está no texto original), por sua vez, é a criança que nasce com a cabeça envolta na placenta materna, o que também é sinal de boa sorte. Simicúpio portanto quer dizer que apesar dos sinais de boa sorte, ele não a tem.

<sup>141</sup> Indivíduo travesso ou malicioso.

<sup>142</sup> Contralograr (verbo não dicionarizado) parece no texto ter o sentido de fazer um artifício para enganar (lograr) alguém.

<sup>143</sup> Livro que contava a vida de vários santos.

*Chega-se d. Lancerote à caixa e tanto que a abre, deita Simicúpio a cabeça de fora, e dá um assopro na vela.*

D. LANCEROTE – Ó tu quem quer que és, que estás nesta caixa... mas ai, que me apagaram a vela com um assopro!

D. TIBÚRCIO – Assopra!

SIMICÚPIO – Mui fraca era aquela luz, pois de um assopro a derribei.

D. LANCEROTE – Sobrinho, vós estás aí?

D. TIBÚRCIO – Como se não estivera.

D. LANCEROTE – Quem seria o cruel que tão aleivosamente matou uma inocente luz a assopros frios!

SIMICÚPIO – Deus lhe perdoe, que era uma luz a todas as luzes boa: mas eu quero safar-me daqui, e temo marrar<sup>144</sup> de narizes com alguém; mas que remédio?

D. LANCEROTE – Agora vós chegais para mim, covarde sobrinho! Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

D. TIBÚRCIO – Veja vossa mercê como chama covarde?

D. LANCEROTE – Calai-vos, abóbora<sup>145</sup>, que degenerais de quem sois.

D. TIBÚRCIO – A mim abóbora?

D. LANCEROTE – Ó mal ensinado, pondez mãos violentas em vosso tio?

SIMICÚPIO – Eu abrirei caminho desta sorte, dando a trouxe mouxe<sup>146</sup>. (*Dá*)

D. TIBÚRCIO – É boa essa, senhor tio, assim se dá num barbado?

D. LANCEROTE – Calai-vos, maganão, que não haveis de casar: mas ai, que me destes uma bofetada com a mão aberta? A que d’el-rei sobre este magano de meu sobrinho! (*Vai-se*)

D. TIBÚRCIO – A que d’el-rei sobre este caduco de meu tio! (*Vai-se*)

SIMICÚPIO – A que d’el-rei que já me deixaram. (*Vai-se*)

### *Cena III*

*Câmera. Entram d. Gilvaz e d<sup>a</sup>. Nize.*

D. GILVAZ – Senhora d<sup>a</sup>. Nize, se acaso em vossa piedade pode achar amparo um desgraçado, peço-vos que me oculteis; pois já a rubincuda<sup>147</sup> Aurora<sup>148</sup> em risonhas vozes nos avis da chegada do Sol, assim a vossa manjerona se veja coroada de louro no capitólio<sup>149</sup> do amor.

D<sup>a</sup>. NIZE – Já o alecrim pede favores à mangerona?

D. GILVAZ – Se d<sup>a</sup>. Cloris não aparece, que quereis que faça?

D<sup>a</sup>. NIZE – Pois escondi-vos nessa alcova, enquanto a vou chamar.

*Esconde-se d. Gilvaz e entra d. Fuas.*

D. FUAS – Aonde vais, tirana? Procuras acaso o teu amante? Oh murcha seja a tua manjerona, que como planta venenosa me tem morto.

<sup>144</sup> Diz-se de quando duas pessoas ou animais batem cabeça contra cabeça.

<sup>145</sup> Covarde, irresoluto, indeciso.

<sup>146</sup> Dar a trouxe mouxe: bater sem direção, ao deus dará.

<sup>147</sup> Pessoa muito corada, de bochechas rosadas.

<sup>148</sup> Deusa greco-romana que representava o nascer do Sol.

<sup>149</sup> Na antiga Roma, era o templo dedicado ao deus Júpiter. No sentido figurado, significa esplendor e a glória.

D<sup>a</sup>. NIZE – Homem do demônio, ou quem quer que és, que em negra hora te vi, e amei, que desconfianças são essas? que amante é esse, com quem me andas aqui apurando a paciência, e sem que, nem para que, descompondo a minha manjerona?

D. FUAS – Pois quem era aquele que saiu da caixa a dizer-te mil colóquios?

D<sup>a</sup>. NIZE – Que sei eu quem era; salvo fosse... Mas retira-te, que aí vem gente.

D. FUAS – Esconder-me-ei aonde for.

*Quer esconder-se onde está d. Gilvaz*

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Não te escondas aí. Ai de mim que se d. Fuas vê a d. Gil, fará o seu ciúme verdadeiro!

D. FUAS – Não queres que me esconda aí? Agora por isso mesmo.

D<sup>a</sup>. NIZE – Tem mão, adverte...

D. FUAS – Que adverte? Tens aí acaso escondido o teu amante?

D<sup>a</sup>. NIZE – Não, d. Fuas, porque só tu....

D. FUAS – Que é isso? Mudas de cor?

D<sup>a</sup>. NIZE – Se a cor é acidente, estou para desmaiar, vendo a sem razão com que me criminas.

*Entra d<sup>a</sup>. Cloris.*

D<sup>a</sup>. CLORIS – Nize, que alarido é esse? Queres que venha o tio, e ache aqui este estafermo?

D<sup>a</sup>. NIZE – São loucuras de um zeloso sem causa.

D. FUAS – São zelos de uma causa sem loucura. e senão diga-me, senhora d<sup>a</sup>. Cloris, por vida do senhor seu alecrim, não é para ter zelos ver repetidas vezes a um sujeito procurar a d<sup>a</sup>. Nize com tão repetidos extremos, que uma coisa é vê-lo e outra dizê-lo; e suponho o tem agora escondido naquela alcova de donde me desvia para esconder-me?

D<sup>a</sup>. CLORIS – Isso verei eu, que também me importa essa averiguação.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Cloris, não te canses, que não hás de ver quem aí está. Estou perdida!

D. FUAS – É para que veja, senhora, a razão que tenho. Ah tirana!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Já agora por capricho hei de ver quem aí está. Vossa mercê é, senhor d. Gilvaz? Que é isso? Quer enxertar o meu alecrim com a manjerona de d<sup>a</sup>. Nize?

D. GILVAZ – Há caso semelhante!

D. FUAS – Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a d<sup>a</sup>. Nize, te expões a embarçar o meu emprego?

D. GILVAZ – D<sup>a</sup>. Cloris, d. Fuas, para que são esses extremos, quando a senhora d<sup>a</sup>. Nize nem a vós ofende, nem a mim me corresponde?

D. FUAS – Ninguém se esconde sem delito.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Ninguém se oculta sem motivo.

D<sup>a</sup>. NIZE – Ora agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário: é muita verdade; escondi a d. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

D. FUAS – Que isto sofra a minha paciência! Ah ingrata!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que isto tolerem os meus zelos! Ah falso amante!

D. GILVAZ – A senhora d<sup>a</sup>. Nize está zombando, e aquilo nela é galantaria.

D<sup>a</sup>. NIZE – Não é senão realidade e tenho dito. (*Vai-se*)

D. FUAS – Não se viu mais descarado rigor! Espera, cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes que faço à tua manjerona. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor d. Gil, venha depressa o meu alecrim.

D. GILVAZ – O teu alecrim é inseparável de meu peito.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Deixemos graças, que eu não zombo.  
D. GILVAZ – Pois entendes que d<sup>a</sup>. Nize fala de veras?  
D<sup>a</sup>. CLORIS – Quer falasse de veras, quer não, venha, o meu alecrim.  
D. GILVAZ – De que sorte queres que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

*Canta d. Gilvaz a seguinte  
ária*

Borboleta namorada  
Que nas luzes abrasada,  
Quando espira nos incêndios  
Solicita o mesmo ardor.  
Tal, ó Clóris, me imagino,  
Pois parece, que o destino  
Quer, por mais que tu me mates,  
Que apeteça o teu rigor.

*Entram Simicúpio e Sevadilha*

SIMICÚPIO – Senhor d. Gilvaz, nunca Simicúpio se viu em calças mais pardas.  
D. GILVAZ – Por que?  
SEVADILHA – Porque o velho já aí vem caminhando como uma centopéia.  
D<sup>a</sup>. CLORIS – Anda, d. Gil, para dentro, até que haja ocasião para saíres.  
D. GILVAZ – Vais ainda com escrúpulos na minha constância?  
D<sup>a</sup>. CLORIS – Cá dentro apuraremos essas finezas. (*Vai-se*)  
D. GILVAZ – Ó Simicúpio, vê como havemos sair daqui, que bem sabes que tenho de escrever hoje para o correio. (*Vai-se*)  
SIMICÚPIO – Tomara que o fizessem em postas, o levasse barzabú<sup>150</sup> às vinte<sup>151</sup>.  
SEVADILHA – E se lhes não dizemos, que vinha o velho, ainda se não iam.  
SIMICÚPIO – E ia-se a história, sem nós fazermos nosso papel de Alfazema<sup>152</sup> por causa do alecrim.  
SEVADILHA – Não me dirás, Simicúpio, em que há de parar toda essa barafunda?<sup>153</sup>  
SIMICÚPIO – Em algum casamento, isso já se sabe; tomara eu também que me dissesses em que havemos nós parar?  
SEVADILHA – Em correr, que se paramos aqui, talvez que nos envidem o resto.  
SIMICÚPIO – Não embaralhes o sentido em que te falo. Ai Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas também aos narizes! E assim não ponhas por estanque os teus favores: antes afável, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.  
SEVADILHA – Quem te meteu esses fumos<sup>154</sup> na cabeça?  
SIMICÚPIO – O dó que tenho de te ver tão matadora<sup>155</sup>.  
SEVADILHA – Vai-te daí, que tenho nojo de chegar-me a ti.

<sup>150</sup> Belzebú, um dos nomes do diabo.

<sup>151</sup> “Levar às vinte”: levar muito depressa.

<sup>152</sup> Arbusto e folhas aromáticas. O mesmo que Lavanda.

<sup>153</sup> Confusão.

<sup>154</sup> Fumaça. No texto: bobagens.

<sup>155</sup> Sedutora.

SIMICÚPIO – Eu não te mereço que me descomponhas o carinho com que te trato. Ai Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos quentes dos teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incêndio...

SEVADILHA – Não me disseras isso em dois dedos de papel, ainda te crera.

SIMICÚPIO – Não só em dois dedos, mas em toda a mão da solfa<sup>156</sup>, donde verás de teu Simicúpio as finas cláusulas e suas simicopadas<sup>157</sup>.

*Canta Simicúpio, espirando no fim de casa verso a seguinte*

*ária*

Não posso, ó Sevadi...  
Dizer-te, o que padê...  
Que o meu amor tavê...  
Chegando-me aos nari...  
Num moto contínuo me faz espirrar.  
Mas se é tafularia<sup>158</sup>  
Este vício de querer-te,  
toda inteira hei de sorver-te,  
Por mais que me veja morrer e estalar.

*(Vai-se)*

SEVADILHA – Ora Deus o ajude com tanto espirrar.

*Entram d. Lancerote e d. Tibúrcio.*

D. LANCEROTE – Basta, sobrinho, que não fostes vós o que me derreastes?

D. TIBÚRCIO – Pois acha vossa mercê que havia pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de vossa mercê? Igual eu me podia com mais razão queixar de vossa mercê, que me fez em estilhas<sup>159</sup>.

D. LANCEROTE – Eu, sobrinho? Isso é engano; eu havia erguer a mão para vós, quando só as devo levantar ao Céu, para dar-lhe graças, por dar-me para uma de minhas sobrinhas um noivo tão gentil-homem?

D. TIBÚRCIO – Não vai a dar quebranto.<sup>160</sup>

SEVADILHA (*À parte*) – E ele, que é mui belo.

D. TIBÚRCIO – Pois se nenhum de nós reciprocamente deu um no outro, quem seria?

D. LANCEROTE – Eu também não posso atinar; o que sei é que a caixa para nós foi de guerra.

SEVADILHA (*À parte*) – E para o noivo de tartaruga do Alentejo<sup>161</sup>.

D. LANCEROTE – Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andarás nesta casa; há um par de noites que sinto grande reboliço?

SEVADILHA – Senhor, eu tenho para mim que esta casa às escuras é assombrada.

D. LANCEROTE – Tens visto alguma coisa?

SEVADILHA – Ai senhor, tenho visto tantas coisas que não me atrevo a dizer-las.

D. LANCEROTE – Dize, rapariga.

SEVADILHA – Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

<sup>156</sup> A parte musical do verso cantado.

<sup>157</sup> Trocadilho de Simicúpio com a palavra “sincopada”, já que fala de solfa (solfejo).

<sup>158</sup> Exagero.

<sup>159</sup> Pedacos. Estilhaços.

<sup>160</sup> Mau-olhado.

<sup>161</sup> Tartaruga do Alentejo: chifres. Sevadilha portanto chama Tibúrcio de noivo cornudo.

D. LANCEROTE – Era coisa do outro mundo?  
 SEVADILHA – Qual do outro mundo, se eu a vi neste?  
 D. LANCEROTE – Era fantasma?  
 SEVADILHA – O que é fantasma?  
 D. LANCEROTE – É uma coisa branca que põe os olhos em alvo.  
 SEVADILHA – Senhor, eu não sei o que é; sei somente que vi sair de uma caixa uma coisa como furacão de vento, que me deu muita pancada.  
 D. LANCEROTE – Vêdes, sobrinho? É o mesmo que nos sucede em carne.  
 D. TIBÚRCIO – Na carne aliás.  
 D. LANCEROTE – Aqui não há outro remédio mais que safares logo, e já, e levares vossa mulher convosco, que eu ponho escritos nas casas e mudo-me às carreiras.  
 D. TIBÚRCIO – Isso é o verdadeiro.  
 D. LANCEROTE – Sevadilha, vai chamar as raparigas que venham cá depressa.  
 SEVADILHA (*À parte*) – Genro e sogro não os vi mais bestas! (*Vai-se*)  
 D. TIBÚRCIO – Para que manda vossa mercê chamar as minhas primas tão depressa?  
 D. LANCEROTE – Logo vereis.  
*Entram d<sup>a</sup>. Cloris e d<sup>a</sup>. Nize.*  
 AMBAS – Que nos ordenas, senhor?  
 D. LANCEROTE – Sobrinho, elas aí estão, escolhei uma das duas para vossa esposa.  
 D<sup>a</sup>. CLORIS – Eu fiz voto de ser freira e assim não posso casar.  
 D. LANCEROTE – Pois case d<sup>a</sup>. Nize.  
 D<sup>a</sup>. NIZE – Eu menos, que quero ser donzela.  
 D. LANCEROTE – Isso já não pode ser, que dei a minha palavra, que vale<sup>162</sup> mais que tudo.  
 D. TIBÚRCIO – Eu já me resolvera a aturar a ríspida condição de d<sup>a</sup>. Nize, mas sem receber o dote não me recebo.  
 D. LANCEROTE – Andai, que sois um impolítico: algum homem que tem brio, fala em dote?  
 D. TIBÚRCIO – E algum homem, que quer dote, atenta em brio?  
*Entram d. Fuas, d. Gilvaz e Simicúpio vestidos de mulher com mantos.*  
 SIMICÚPIO – Senhor, esta indústria nos valha, que para sair, sempre foi boa uma saia.  
 D. GILVAZ (*À parte*) – Quem serve a Cupido, não é muito que se afemine.  
 D. FUAS (*À parte*) – Até nisto mostra o amor que é covarde.  
 D. LANCEROTE – Que mulheres são essas, que saem da nossa alcova?  
 D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Estou tremendo não se descubra a tramóia.  
 SIMICÚPIO – Senhor d. Tibúrcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratam desta sorte.  
 D. TIBÚRCIO – Senhora, vossa mercê vem enganada.  
 D. LANCEROTE – Que é isto, sobrinho?  
 D. TIBÚRCIO – Eu o não sei em minha consciência.  
 D. LANCEROTE – Senhoras, como entrastes nesta casa?

---

<sup>162</sup> No original está grafado “val”.

SIMICÚPIO – Este senhor sobrinho de vossa mercê merecia que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciência, depois de o introduzir na minha casa, para casar com uma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê; teve tais ardis, que enganou a ambas e de ambas triunfou; e para mais penas sentir esta madrugada nos mandou viéssemos a esta casa, que disse era sua, e no cabo sei que não é e está para casar com uma sobrinha de vossa mercê. Ah traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho<sup>163</sup> e te arranco essas goelas.

D. LANCEROTE – É notável caso! sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

D. TIBÚRCIO – Senhor, eu estou tolo de ver mentir esta mulher!

D. GILVAZ – Ah falso d. Tibúrcio, o céu me vingue de tuas falsidades.

D. FUAS – Ainda nega o magano? Tal estou, que lhe arrancara estas barbas.

SIMICÚPIO – Deixai, filhas, deixai, que ainda no céu há raios e no inferno a caldeira de Pero Botelho<sup>164</sup> para castigo de velhacos. Vamos, meninas. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Já estamos livres deste susto.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – O criado vale um milhão.

D. LANCEROTE – Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta que vossa mercê é useiro e vezeiro<sup>165</sup> a enganar moças?

D. TIBÚRCIO – Senhor, eu não conheço tais mulheres.

D. LANCEROTE – Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo que por isso dilatáveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções e regateando o dote.

D. TIBÚRCIO – Senhor, permita Deus que se eu...

D. LANCEROTE – Não jureis falso; dissei-me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem atenção ao decoro de vossas primas?

D. TIBÚRCIO – Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou tão inocente...

D<sup>a</sup>. CLORIS – Cale-se, tenha juízo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

D<sup>a</sup>. NIZE – É o senhor sizudo, que não aprova os ranchos de alecrim e manjerona!

D. TIBÚRCIO – Ora basta, que diga eu, que não conheço tais mulheres.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Cale-se, tonto.

D<sup>a</sup>. NIZE – Cale-se, simples.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Basbaque.<sup>166</sup>

D<sup>a</sup>. NIZE – Insolente.

AMBAS – Que? Agora casar? Aqui para trás. (*Vão-se*)

D. TIBÚRCIO – Senhor tio, dê-me atenção, senão desesperarei.

*Canta d. Lancerote a seguinte*

*ária*

Eis aqui: eu estou perdido,  
Gasto feito, noiva pronta,  
Porta aberta, e casa tonta;  
Ah sobrinho! Mas que digo?  
Emprestai-me a vossa espada,  
Que me quero degolar.

<sup>163</sup> Arranhar.

<sup>164</sup> Caldeira de Pero Botelho: caldeirão de azeite fervente onde eram cozidos os condenados ao inferno.

<sup>165</sup> Useiro e vezeiro: diz-se de quem tem o costume de fazer sempre as mesmas coisas

<sup>166</sup> Idiota. Imbecil.

Oh prudência desgraçada,  
Pois não faço uma salada  
Por ninguém me ouvir gritar.

D. TIBÚRCIO – Que isto a mim me suceda? Não há homem mais infeliz!

*Cena IV*

*Praça. Entram d. Gilvaz e Simicúpio.*

D. GILVAZ – Uma e muitas vezes te considero, Simicúpio, prodigioso artífice de meu amor, pois com as tuas máquinas vais erigindo o retorcido tálamo<sup>167</sup> que há de ser trono do mais ditoso himeneu<sup>168</sup>.

SIMICÚPIO – Já disse a vossa mercê, que mais obras e menos palavras: Simicúpio, senhor, já se acha mui cansado, tomara que me aposentasse com meio soldo, que este ofício de alcofa<sup>169</sup> é mui perigoso; que suposto tenha asas para fugir, também as asas tem penas para sentir.

D. GILVAZ – Simicúpio, já o pior é passado: acabemos de deitar esta nau ao mar, que então teremos enchentes.

SIMICÚPIO – E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

D. GILVAZ – Anda, não desmaies, que hoje havemos de mostrar ao mundo os triunfos de alecrim.

SIMICÚPIO – E a manjerona todavia não menos viçosa com os borrifos de Fagundes.

D. GILVAZ – Mas a galantaria é que todas as suas idéias redundam em nosso proveito.

SIMICÚPIO – Aí é que está a filigrana<sup>170</sup> do jogo, Fagundes a semear e nós a colher.

*Entra Sevadilha com a mantilha.*

D. GILVAZ – Aquela que lá vem, não é Sevadilha?

SIMICÚPIO – Pelo cheiro assim me parece.

D. GILVAZ – Que novidade é essa, Sevadilha? Tu só por aqui?

SEVADILHA – Que há de ser? A maior desgraça do mundo.

D. GILVAZ – Que? morreu o velho!

SEVADILHA – Isso então seria fortuna.

D. GILVAZ – Pois que foi?

SEVADILHA – Foi que d. Tibúrcio com a pena de se ver acometido de três mulheres, como vossa mercê sabe, à vista das noivas e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite uma cólica, e está quase indo-se por um fio; e assim eu por uma parte, Fagundes, e o Galego por ambas, vamos a chamar o médico. Adeus, que não me poso deter.

D. GILVAZ – Espera.

SEVADILHA – Não posso, que d. Tibúrcio está morrendo por instantes.

---

<sup>167</sup> Leito conjugal.

<sup>168</sup> Matrimônio.

<sup>169</sup> Ofício de alcofa: alcoviteiro. Alguém que serve de intermediário entre dois amantes.

<sup>170</sup> Figurado: sutileza. No texto original está escrita a forma arcaica, “filagrana”.

SIMICÚPIO – não te canses, que já o achas morto: ande cá, tenha feição, e faça palestra com os amigos.

D. GILVAZ – Que faz d<sup>a</sup>. Cloris?

SEVADILHA – Não me detenhas, adeus.

SIMICÚPIO – Diz-me primeiro, que tal te pareci em trajes de mulher?

SEVADILHA – Não estou para isso, deixe-me ir, que estou depressa.

SIMICÚPIO – Há tal pressa! Como se estivera alguém para morrer!

SEVADILHA – Não vê que vou acudir a esta grande necessidade.

SIMICÚPIO – Vai-te, filha; vai-te, não te sofras.

SEVADILHA – Bem puderas tu poupar-me dessas passadas e ir chamar um médico às carreiras.

SIMICÚPIO – Vai descansada; que eu chamarei o médico.

D. GILVAZ – Sim com muito gosto.

SEVADILHA – Ora faça-me esse favor, e adeus. (*Vai-se*)

D. GILVAZ – Anda depressa, vai chamar o médico.

SIMICÚPIO – Que médico? Cuide noutra coisa.

D. GILVAZ – Isso é zombaria? Não permita Deus que o homem morra por nossa omissão.

SIMICÚPIO – Vamos, que eu e vossa mercê havemos de ser os médicos na enfermidade de d. Tibúrcio.

D. GILVAZ – Estás louco? Pois nós sabemos medicina?

SIMICÚPIO – Assim como há filosofia natural, por que não haverá natural medicina?

D. GILVAZ – E se o doente morrer por falta de remédio?

SIMICÚPIO – Mais depressa morrerá por muitos remédios.

D. GILVAZ – E que lhe havemos de aplicar?

SIMICÚPIO – Tudo o que não for veneno; porque o que não mata, engorda.

D. GILVAZ – Isso é temeridade.

SIMICÚPIO – Vamos, senhor, e Deus sobre tudo.

*Entra d. Fuas.*

D. FUAS – Espera, traidor d. Gil.

SIMICÚPIO – Ai, que isto é alguma espera!

D. GILVAZ – Que me quereis, d. Fuas?

D. FUAS – Que metais a mão a essa espada.

D. GILVAZ – Para que?

SIMICÚPIO – É boa pergunta! Para que será? é para fazer alféoa magana<sup>171</sup>.

D. FUAS – Vereis que sabe o meu valor castigar ofensas de um amigo desleal; pois sabendo vós, que d<sup>a</sup>. Nize era o ídolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrílegos votos de vossos sacrifícios, a quem suavizaram os odoríferos hálitos da manjerona.

SIMICÚPIO – Com os diabos!

D. FUAS – E assim metei a mão a essa espada, para que se conserve d<sup>a</sup>. Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

SIMICÚPIO – Senhor, aqui não é lugar de desafios, vamos para val de cavalinhos<sup>172</sup> a jogar os coices.

---

<sup>171</sup> Alféoa: tipo de doce de origem árabe, feito de açúcar.

D. GILVAZ – D. Fuas, estais louco? Vêde, que sem causa é a vossa queixa.  
D. FUAS – Não quero satisfações, vamos puxando.  
SIMICÚPIO – Este homem vem puxando.  
D. GILVAZ – Pois para que vejais que o satisfazer-vos não é temer-vos...  
*Entra Fagundes com mantilha.*  
FAGUNDES – Cé, ah senhor, d. Fuas, uma palavrinha depressa, que importa.  
D. FUAS – Aquela é Fagundes; que me quererá? Esperai, d. Gil, enquanto falo a esta mulher.  
SIMICÚPIO – Senhor, não consinto, ou falar, ou brigar.  
D. GILVAZ – Deixai mulheres e brigai, que estou pronto a satisfazer-vos por este modo.  
FAGUNDES – Senhor, venha já depressa.  
SIMICÚPIO – Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a um amigo.  
FAGUNDES – Ande senão vou-me.  
D. FUAS – Espera, que eu vou.  
D. GILVAZ – Briguemos, d. Fuas.  
SIMICÚPIO – Vamos a isso, antes que se acabe a cólera.  
D. FUAS – D. Gil, se tendes brio, esperai; que eu venho já. (*Vai para Fagundes*)  
SIMICÚPIO – Ora vá de seu vagar, que esta pendência não é de cerimônia. Senhor d. Gil, abalemos com os cachimbos que brigar com loucos é ser mais louco. (*Vai-se*)  
D. GILVAZ – Tomo o teu conselho. (*Vai-se*)  
FAGUNDES – Sim, senhor, a casa está revolta; d. Tibúrcio nos artigos da morte, e quase moribundo; o velho banzando<sup>173</sup> e tudo banzeiro<sup>174</sup>; e à vista isto pode vossa mercê introduzir-se em casa o mais depressa que puder, em alguma forma que inventar a sua indústria e adeus.  
D. FUAS – Ouça cá.  
FAGUNDES – Não posso, que vou à botica.<sup>175</sup>  
D. FUAS – Pois essa ingrata de d<sup>a</sup>. Nize ainda...  
FAGUNDES – Não estou para ouvir nada.  
D. FUAS – Espere, tome lá esses vinténs pelo trabalho.  
FAGUNDES – Mostre cá depressa.  
D. FUAS – Ora diga-me, pois d<sup>a</sup>. Nize...  
FAGUNDES – Noutra ocasião falaremos, venha isso depressa.  
D. FUAS – Tome lá: mas diga-me, enquanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...  
FAGUNDES – Ai, mostre cá, não me detenha.  
D. FUAS – Espere, que tenho o boldrié<sup>176</sup> por cima da algibeira.  
FAGUNDES – Pois senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha língua está ferrugenta<sup>177</sup>.  
*(Vai-se)*  
D. FUAS – Muito interesseira é esta velha! Mas onde está d. Gil? d. Gil? Foi-se o covarde; mas à fê de quem sou, que as não há de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje

<sup>172</sup> Val (vale) de cavalinhos: local onde as bruxas se reúnem para tramar o mal.

<sup>173</sup> Cismado com um assunto de origem obscura.

<sup>174</sup> Sem futuro.

<sup>175</sup> Farmácia.

<sup>176</sup> Correia onde se prende a espada ou qualquer outra arma.

<sup>177</sup> Enferrujada.

irei a ver-te disfarçado; que à vista das tuas falsidades é justo que me revista não só de outro hábito, mas também de outro afeto.

*Canta d. Fuas a seguinte  
ária*

De um amigo, e de uma ingrata  
Ofendido e ultrajado?  
Quem me dera ser vingado!  
Oh não sei como ainda cabe  
no meu peito tanta dor!  
Mas sim cabe, porque as penas  
Nos estragos repartidas  
Pelas bocas das feridas  
Sairá com mais vigor.  
*(Vai-se)*

*Cena V*

*Câmera. Haverá uma cama e nela estará d. Tibúrcio deitado, assistido de d. Lancerote,  
d<sup>a</sup>. Cloris, d<sup>a</sup>. Nize e Sevadilha.*

D. LANCEROTE – O que tarda este médico!

SEVADILHA – Não pode tardar muito; pois me disse que já vinha.

D. LANCEROTE – Como estais agora, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO - Depois que arrotei, acho-me mais aliviado.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Vaso mau não quebra.

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – Se fora coisa boa, não havia de escapar.

D. LANCEROTE – Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia ser luzido<sup>178</sup>; vós o veríeis.

D. TIBÚRCIO – Outro tanto desejo eu fazer a vossa mercê.

*Entram d. Gilvaz e Simicúpio vestidos de médico.*

SIMICÚPIO – *Deo gratias.*<sup>179</sup>

D. LANCEROTE – Entrem, meus senhores doutores.

D. GILVAZ (*À parte*) – Em boa me meteu Simicúpio! Eu não sei o que hei de dizer.

SIMICÚPIO – Qual de vossas mercês é aqui o doente?

D. LANCEROTE – É este, que aqui está de cama.

SIMICÚPIO – Logo me pereceu pelos sintomas.

SEVADILHA (*para dona Cloris*) – Senhora, que são Simicúpio e d. Gil.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Bem os vejo: Nize que te parece?

D<sup>a</sup>. NIZE – Que faz melhor efeito o teu alecrim, que a minha manjerona.

*Entram d. Fuas e Fagundes.*

FAGUNDES – Entre senhor doutor, aqui vem este senhor, que também se entende muito bem.

---

<sup>178</sup> Pomposo.

<sup>179</sup> Graças a Deus.

D. FUAS – Neste instante chego de fora da terra, quando logo me chamou esta mulher, que viesse a ver a um enfermo.

D. LANCEROTE – Já era escusado; porém entre e sente-se.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Nize, d. Fuas compete nas finezas com d. Gil.

D<sup>a</sup>. NIZE – Não me pesa.

D. FUAS (*À parte*) – Aqueles são d. Gil e Simicúpio; estou ardendo!

SIMICÚPIO – Ah senhor, não vês a d. Fuas também como gente?

D. GILVAZ – Já sei.

D. TIBÚRCIO – Ai minha barriga, que morro! Acuda-me senhor doutor.

SIMICÚPIO – Logo as engrossaremos: e tem o ventre túmido, inchado e pululante?

D. TIBÚRCIO – Alguma coisa.

SIMICÚPIO – Vossa mercê é casada ou solteira?

D. TIBÚRCIO – Por que, senhor doutor?

SIMICÚPIO – Porque os sinais são de prenhe.

D. LANCEROTE – Não senhor, que meu sobrinho é macho.

SIMICÚPIO – Dianteiro ou traseiro?

D. LANCEROTE – Ui, senhor doutor! Digo que meu sobrinho é varão.

SIMICÚPIO – De aço ou de ferro?

D. LANCEROTE – É homem, não me entende?

SIMICÚPIO – Ora acabe com isso: eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos, e se fosse varão, umas limas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se há de fazer.

D. LANCEROTE – Eis aqui como gosto de ver os médicos assim especulativos.

SIMICÚPIO – Pois o mais é asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. TIBÚRCIO – Tanto como a futura; porque desde que se me acabaram as chouriças, que trouxe no alforje, me tem meu tio posto a pão e laranja.

D. LANCEROTE – Aquilo são delírios, senhor doutor.

SIMICÚPIO – Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao aforismo: *Cum barriga dolet, coetera membra dolent*.

D. TIBÚRCIO – Não são delírios, senhor doutor, que eu estou em meu juízo perfeito.

SIMICÚPIO – Pior, pois quem diz que tem juízo não o tem.

D. LANCEROTE – Senhor doutor, o homem está alucinado, depois que uma fantasma, que saiu de uma caixa o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de umas moças que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem ao que parecia.

SIMICÚPIO – Ela é muito criada de vossa mercê.

D. TIBÚRCIO – Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

SIMICÚPIO – Cale-se, que ainda há de ter uma boa barrigada: deite a língua fora.

D. TIBÚRCIO – Ei-la aqui.

SIMICÚPIO – Deite mais, mais.

D. TIBÚRCIO – Não há mais.

SIMICÚPIO – Essa bastará: é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam vossas mercês, senhores doutores.

D. GILVAZ – A língua é de prata.

D. FUAS – Úmida está bastante.

SIMICÚPIO – Venha o pulso: está intermitente, lânguido e convulsivo: ó menina tomou as águas?

SEVADILHA – Ainda não veio o aguadeiro.

SIMICÚPIO – Pergunto se o doente fez a mija?

D. TIBÚRCIO – Nesta casa não há urinol.

SIMICÚPIO – Pois tome-as, ainda que seja numa frigideira em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus*.

D. LANCEROTE – Ah senhores, grande médico!

D<sup>a</sup>. NIZE (*para d<sup>a</sup>. Cloris*) – E d. Fuas como está melancólico!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Estará cuidando na receita.

SIMICÚPIO – Ora senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (se é que o é, que isto não pertence à medicina) teve uma colérica procedida de paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e viscosa, que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos: estes pela sua virtude acre, e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuator*, disse Galeno.

D. LANCEROTE – Eu não lhe entendi uma palavra.

D. TIBÚRCIO – Eu morro, sem saber de que.

SIMICÚPIO – Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar.

D. GILVAZ – Eu sou de parecer que o sangrem.

D. FUAS – Eu, que o purguem.

SIMICÚPIO – Senhores meus, à grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas<sup>180</sup> nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso de baixo para cima.

D. TIBÚRCIO – Como é isso, de bichas nas meninas dos olhos?

SIMICÚPIO – É um remédio tópico; não se assuste, que não é nada.

D. TIBÚRCIO – Vossa mercê quer me cegar?

SIMICÚPIO – Cale-se aí; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.

D. LANCEROTE – Calai-vos, sobrinho, que ele médico é, e bem o entende.

D. TIBÚRCIO – Por vida de d. Tibúrcio, que primeiro há de levar o diabo ao médico e à receita que eu em tal consinta. (*Ergue-se*)

SIMICÚPIO – Deite-se, deite-se: o homem está maníaco e furioso.

D. LANCEROTE – Aquietai-vos, sois alguma criança?

D<sup>a</sup>. NIZE – Ora, senhores doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu, e minha irmã, de várias queixas que padecemos.

SIMICÚPIO – Inda mais essa? Ora digam.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor, o nosso achaque<sup>181</sup> é tão semelhante, que com uma só receita se podem curar ambos os males.

---

<sup>180</sup> Sanguessuga, tipo de verme que, através de ventosas, suga o sangue de animais mamíferos, inclusive do homem. Utilizado antigamente pelos médicos para diminuir a pressão sanguínea do paciente.

D<sup>a</sup>. NIZE – Não há dúvida que o meu achaque é o mesmo em carne que o de minha irmã.

SIMICÚPIO – Achaque em carne pertence à cirurgia.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que como dormimos ambas, se nos comunicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ânsias no coração, uma melancolia n'alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potências; e finalmente, senhor doutor, é tal este mal, que se sente sem sentir; que dói sem doer; que abrasa sem queimar; que alegra entristecendo e entristece alegrando.

SIMICÚPIO – Basta já sei, isso é mal cupidista.<sup>182</sup>

D. LANCEROTE – O que é mal cupidista, que nunca tal ouvi?

SIMICÚPIO – É um mal da moda.

D<sup>a</sup>. NIZE – Que remédio nos dão vossas mercês?

D. FUAS – Eu dissera que o óleo de manjerona era excelente remédio.

D. GILVAZ – O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do alecrim.

D. FUAS – Ui senhor doutor, a manjerona é um excelente remédio.

D. GILVAZ – Nada chega ao alecrim, cujas excelentes virtudes são tantas, que para numerá-las não acha número o algarismo; e não falou quem discretamente lhe chamasse planta bendita.

D. FUAS – Se entrarmos a especular virtudes, as da manjerona são mais que as da erva santa<sup>183</sup>.

SIMICÚPIO – Daqui a pô-la no altar não vai nada.

D. FUAS – A manjerona é planta de Vênus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal cupidista não pode haver melhor remédio que uma planta de Vênus; pois se notarmos a perfeição, com que a natureza a revestiu daquelas mimosas folhinhas, para que todo o ano seja hieroglífico da imortalidade; aquele suavíssimo aroma, de cuja fragrância é hidrópico o olfato, ela é a delícia de Flora, o mimo de abril e a esmeralda no anel da primavera.

SIMICÚPIO – É verdade; não há dúvida.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Estou tão contente!

D. GILVAZ – O alecrim, senhor, pela sua excelência é titular na república das plantas, cujas flores, depois de serem bela imitação dos cerúleos<sup>184</sup> globos, são a doçura do mundo nos melífluos ósculos<sup>185</sup> das abelhas.

SIMICÚPIO – Todavia a matéria é de *apicibus*.<sup>186</sup>

D. GILVAZ – Ele é a coroa dos jardins; o lenço vegetável das lágrimas da Aurora; nas chamas é Fênix<sup>187</sup>; nas águas rainha; e finalmente é o antídoto universal de todos os males e a mais segura tábuca da vida, quando no mar das queixas sopram os ventos inficionados; e para prova deste sistema repetirei traduzido em português um epigrama do proto médico Avicena<sup>188</sup>, poeta arábico.

### Soneto

---

<sup>181</sup> Doença ou mal-estar sem maior importância.

<sup>182</sup> Relativo a Cupido ou Eros, o deus do amor na mitologia greco-romana.

<sup>183</sup> Uma das denominações do tabaco.

<sup>184</sup> Da cor do céu.

<sup>185</sup> Beijos.

<sup>186</sup> Relativo à abelhas (*apis*).

<sup>187</sup> Segundo a mitologia greco-romana, a Fênix é uma ave que resiste ao fogo, e renasce das cinzas.

<sup>188</sup> Célebre médico e filósofo muçulmano da Pérsia do século XI, cuja obra é a origem da medicina moderna.

Um dia para Siques quis Amor<sup>189</sup>  
Uma grinalda bela fabricar,  
E por mais que buscou, não pôde achar  
Flor do seu gosto entre tanta flor.  
Desprezou do jasmim o seu candor,  
E a rosa não quis por se espinhar,  
Ao girassol mostrou não se inclinar,  
E ao jacinto deixou na sua dor.  
Mas tanto que chegou Cupido a ver  
Entre virentes<sup>190</sup> pompas o alecrim,  
Num verde ramo pretendeu colher;  
Tu só me agradas, disse, pois enfim  
Por ti desprezo, só por te querer,  
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Viva o senhor doutor, eu quero as fumaças do alecrim.

D. TIBÚRCIO – E morra o senhor doente: ai minha barriga!

D. FUAS – Se versos podem servir de textos, escute uns de um antagonista desse autor a favor da manjerona pelos mesmos consoantes.

*Soneto*

Para vencer as flores quis Amor  
Setas de manjerona fabricar:  
Foi discreta eleição, pois soube achar  
Quem soubesse vencer a toda flor.  
O jasmim desmaiou no seu candor,  
A rosa começou-se a se espinhar,  
No girassol foi culto o inclinar,  
Ais o jacinto deu de inveja e dor.  
Entre as vencidas flores pôde ver  
Retirar-se fugido o alecrim,  
Que Amor para vingar-se o quis colher;  
Cantou das flores o triunfo, enfim,  
Nem os despojos quis, por não querer,  
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

D<sup>a</sup>. NIZE – Viva o senhor doutor, eu quero o remédio da manjerona.

D. LANCEROTE – Não cuidei que a manjerona e o alecrim tinham tais virtudes. Vejamos agora o que diz o senhor doutor.

D. TIBÚRCIO – Que tenho eu com isso? Senhores, vossas mercês me vieram curar a mim ou às raparigas? Ai minhas barrigas!

SIMICÚPIO – Calado estive ouvindo a estes senhores da escola moderna, encarecendo a manjerona e o alecrim. Não há dúvida que *pro utraque parte* há mui nervosos argumentos, em que os doutores alecrinistas e manjeronistas se fundam; e

---

<sup>189</sup> Citação da lenda (contada em *Metamorfoses*, do autor romano Apuleio) do amor entre Psique (Alma) e Eros ou Cupido (Amor). No original de 1737 aparece a grafia Siqui. Na edição brasileira de 1946, Siques. Não há contradição entre o fato da lenda ser greco-romana e o poeta um persa muçulmano, pois foi através do Oriente que a Europa recuperou a tradição clássica, que se perdera durante a Idade Média.

<sup>190</sup> Verdejantes.

tratando Dioscorides<sup>191</sup> do manjeronismo e do alecrinismo, assenta de pedra e cal, que para o mal cupidista são remédios inanes; porque tratando Ovídio<sup>192</sup> do remédio *amoris*, não achou outro mais genuíno contra o mal cupidista, que o malmequer, por virtude simpática, magnética, diaforética<sup>193</sup> e diurética, com a qual *curatur amorem*. Repetirei as palavras do mesmo Ovídio.

*Soneto*

Essa, que em cacos velhos se produz  
Manjerona misérrima sem flor,  
Esse pobre alecrim, que em seu ardor  
Todo se abrasa por sair à luz.  
Ainda que se vejam hoje a flux<sup>194</sup>  
Desbancar nas baralhas do amor,  
Cuido, que elas o bolo hão de repor,  
Se não negro seja eu como um lapuz.<sup>195</sup>  
O Malmequer, senhores, isso sim,  
Que é flor, que desengana, sem fazer  
No verde da esperança amor sem fim.  
Deixem correr o tempo e quem viver  
Verá, que a manjerona e o alecrim,  
As plantas beijarão a malmequer.

SEVADILHA – Viva e reviva o senhor doutor e já que é tão bom médico, peço-lhe me cure de umas dores tão grandes, que parecem feitiços.

SIMICÚPIO – Dá cá as pulseiras. Ah, perra<sup>196</sup>, que agora te agarrei! tu estás marasmódica<sup>197</sup> e impiamática<sup>198</sup>. Ah, senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre podre, é necessário que esta rapariga tome uns semicúpios<sup>199</sup>.

SEVADILHA – Semicúpios eu? É coisa que abomino.

SIMICÚPIO – Eu desencarrego a minha consciência e não sou a mais obrigado.

D. LANCEROTE – Ela não tem querer, há de fazer o que vossa mercê mandar.

FAGUNDES – Eu também sou de carne, tenho anos e tenho achaques.

SIMICÚPIO – Pois cure-se primeiro dos anos, logo se curará dos achaques.

FAGUNDES – Não senhor, que este achaque não é anual, é diário.

SIMICÚPIO – Se fora noturno, não era mal. Pois que achaque é o seu, senhora velha?

FAGUNDES – Que há de ser! é esta madre<sup>200</sup> que me persegue.

---

<sup>191</sup> Sobrenome de Castor e Pollux, os deuses greco-romanos da Medicina.

<sup>192</sup> Poeta latino que viveu de 43 AC ao ano 17 da Era Cristã.

<sup>193</sup> Onde há suor em grande quantidade.

<sup>194</sup> A flux: em profusão, em grande quantidade. Na edição original está grafado “fluz”, na brasileira “flus”, no Grande Dicionário da Língua Portuguesa, de Moraes e Silva, encontramos “flux”, que preferimos.

<sup>195</sup> Originário da Lapônia, território ao norte da Escandinávia, próximo do Ártico. Os lapônios (ou lapuzes) não são negros, mas da raça amarela, aparentados dos esquimós. Daí porque um europeu branco, mesmo lusitano como Simicúpio, possa referir-se a ele como “negro”.

<sup>196</sup> Cadela.

<sup>197</sup> Apática. Marasmática.

<sup>198</sup> Palavra não dicionarizada. Parece originar de “ímpia”, no sentido de cruel, desumana, impiedosa.

<sup>199</sup> Como vimos anteriormente, semicúpio significa “banho de asseio nas partes pudendas”.

<sup>200</sup> No texto: útero.

SIMICÚPIO – Ui, você com esses anos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre<sup>201</sup>? Filha, isso não é madre, é avó.

FAGUNDES – Talvez que por isso tão rabugenta me persiga. E que lhe farei, senhor doutor?

SIMICÚPIO – A uma madre velha, que se há de fazer? Andar, ponha-lhe óculos e muletas e deixe-a andar.

D. LANCEROTE – Isto aqui é um hospital, graças a Deus: só eu nesta casa sou são como um pero<sup>202</sup>, apesar de duas fontes<sup>203</sup> e uma funda.<sup>204</sup>

SIMICÚPIO – Ó ditoso homem, que vive sem males!

D. TIBÚRCIO – Senhores, o meu mal devia ser contagioso; porque depois da minha doença todos adoeceram. Ai minha barriga!

D. LANCEROTE – Pois em que ficamos?

SIMICÚPIO – Senhor meu, falando em termos, o doente sangre-se no pé; vossa mercê na bolsa; às senhoras suas sobrinhas três banhos; à moça semicúpios; e a velha lancem-na às ondas, que está danada.

FAGUNDES – Ai que galante coisa!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Eu não quero mais remédio, que os fumos do alecrim.

D<sup>a</sup>. NIZE – E eu os da manjerona.

SIMICÚPIO – Não seja essa a duvida, ainda que não sou desse voto, contudo cada um é senhor da sua vida e se pode curara como quiser; lá vai a receita.

*Canta Simicúpio a seguinte*

*ária*

*Si in medicinis*

*Te visitamus,*

*Non asniamus,*

*Sed de Alecrinis*

*Et Manjeronis*

*Recipe quantum*

*Satis aná.*

*Credite mihi,*

*Qui sum peritus,*

*Nom mediquitus*

*De cacaracá.<sup>205</sup>*

D. LANCEROTE – Esperem, senhores, vossas mercês perdoem, lá repartam essa ninharia entre todos, que eu não estou aparelhado senão para um.

SIMICÚPIO – Venha embora, que só este é o verdadeiro sintoma da medicina. (*Vai-se*)

D. GILVAZ – Ai Cloris, que quando o mal é de amor só o morrer é remédio. (*Vai-se*)

D. FUAS – Finjo que me vou, por ver se posso apurar a falsidade de d<sup>a</sup>. Nize. (*Vai-se*)

<sup>201</sup> Trocadilho entre madre (útero) e madre (mãe).

<sup>202</sup> São como um pero: bom de saúde.

<sup>203</sup> Chaga ou cicatriz de queimadura.

<sup>204</sup> Dispositivo empregado para deter o progresso de uma hérnia.

<sup>205</sup> Texto parodiando latim.

D. TIBÚRCIO – Mande-me cerrar este biombo, que vou entrando em um suor copioso, abafem-me bem.

D. LANCEROTE – Aqui servia o meu capote: paciência! Vamo-nos e deixemo-lo suar, ninguém lhe fale à mão. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – Vamos, Nize, a moralizar os extremos destes amantes. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. NIZE – Tanto me importa, vamos a regar os nossos craveiros. (*Vai-se*)

FAGUNDES – O diabo e Simicúpio temo que mo mete em um chichelo<sup>206</sup> com seus ardis. (*Vai-se*)

SEVADILHA – E para ver se o meu malmequer também entra em réstia. (*Vai-se*)

*Entra d. Fuas.*

D. FUAS – Já todos se foram. Quem me dera encontrar a esta tirana, cruel, falsa, inimiga.

*Entra Fagundes.*

FAGUNDES – D. Tibúrcio fica a suar como um cavalo. Mas aí! quem está aqui?

D. FUAS – Sou eu, senhora Fagundes, não se assuste.

FAGUNDES – Senhor, que temeridade é esta? Vossa mercê não vê que ainda é lusquefusque?<sup>207</sup> Como sem deixar anoitecer penetra estas paredes, aonde até o Sol entra às furtadelas?<sup>208</sup>

D. FUAS – Não reparei que ainda era dia; pois no abismo de meu ciúme sempre estou às escuras. Aonde está esta cruel d<sup>a</sup>. Nize?

FAGUNDES – Estará no jardim.

D. FUAS – Pois vamos lá e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim e a d. Gil.

FAGUNDES – Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com os pés de lâ. Ai senhor d. Fuas quanto me deve!

### *Cena VI*

*Vista de quintal, em que haverá alguns alegretes<sup>209</sup> e uma capoeira<sup>210</sup>; e vem d. Gilvaz e Simicúpio descendo por uma corda.*

D. GILVAZ – Simicúpio, deixa-me descer eu primeiro, para que não se quebre a corda com o peso de ambos.

SIMICÚPIO – Agarre-se bem à corda e deixe-se escorregar.

D. GILVAZ – Ora já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com d<sup>a</sup>. Cloris. (*Vai-se*)

*Entra d. Lancerote.*

D. LANCEROTE – Este quintal é o meu divertimento e encanto; um homem aqui assentado e tomando o fresco, não há maior regalo.

SIMICÚPIO – Agora já poderei descer afoitamente.

D. LANCEROTE – Que é isto que cai sobre mim? Quem me acode.

*Ao descer Simicúpio cai sobre d. Lancerote.*

---

<sup>206</sup> Enrascada.

<sup>207</sup> Hora do pôr do Sol. Lusco-fusco. Nem claro nem escuro.

<sup>208</sup> Às escondidas.

<sup>209</sup> Pequeno canteiro.

<sup>210</sup> No texto: cesto com tampo de madeira onde se prendem galinhas e outras aves.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Não é nada, escarranchei-me no velho cuidando que era poial<sup>211</sup>; estou bem aviado!<sup>212</sup>

D. LANCEROTE – Mas que vejo? A que d’el-rei, ladrões!

SIMICÚPIO – Não o disse eu?

D. LANCEROTE – Ladrão, velhaco, tu descendo por uma corda os altos muros do meu quintal? Pois com essa mesma corda te atarei de pés e mãos, até que amanheça, para entregar-te à justiça.

SIMICÚPIO – É bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforcar.

D. LANCEROTE – Dá cá os braços.

SIMICÚPIO – Já está meu amigo? Quer me abraçar?

D. LANCEROTE – Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

SIMICÚPIO – Não tenho febre.

D. LANCEROTE – Anda, que atado hás de ficar.

SIMICÚPIO – Senhor, por sua vida, que me não ate; basta o enleio em que me vejo.

D. LANCEROTE – Dize a que vieste a este quintal?

SIMICÚPIO – Ora senhor, ate-me muito embora, mas não me aperte por isso.

D. LANCEROTE – Por isso é que eu te aperto; hás de confessar a que vieste.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Eu estou atado, não sei o que lhe responda.

D. LANCEROTE – Qual foi o fim que aqui te trouxe?

SIMICÚPIO – A dar fim à minha vida, por dar princípio à minha morte por meio desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

D. LANCEROTE – Vieste roubar-me, não é verdade?

SIMICÚPIO – Sim senhor, mas foi roubar-lhe as atenções.

D. LANCEROTE – Anda, ladrãozinho, para a capoeira onde ficarás atado.

SIMICÚPIO – Para onde, senhor?

D. LANCEROTE – Para a capoeira, até que venha o Sol ser testemunha do teu latrocínio.

SIMICÚPIO – Pois vossa mercê quer encapoeirar-me? Graças a Deus, que não sou cá nenhuma galinha, mas sabe porque fala? Porque me acho atado, quando não havíamos jogar as cristas.<sup>213</sup>

D. LANCEROTE – Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. (*Vai-se*)

SIMICÚPIO – Ora criado senhor Simicúpio: já sabemos que isto é meio caminho andado para a forca; mas é bem feito, que isto a mim me suceda. Que tinha eu cá com d. Gil? Pois para que ele fosse galo, me vejo eu feito galinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glórias, e eu entre penas; ele voando na esfera de amor e eu de asa caída na gema dos ovos.

*Entra Fagundes.*

FAGUNDES – Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a salada de rabos<sup>214</sup> para cearmos; já temperei as gaitas<sup>215</sup> para o galego; já assei o fricassé<sup>216</sup>; já cozi um guardanapo<sup>217</sup>; agora me falta deitar os arenques<sup>218</sup> de molho, para ficar com as

<sup>211</sup> Assento de pedra junto ao muro de entrada de uma casa.

<sup>212</sup> No texto: arranjado.

<sup>213</sup> Jogar as cristas: brigar, lutar.

<sup>214</sup> Talvez se trate de um erro de impressão do original de 1737. O mais natural seria “salada de nabos”.

<sup>215</sup> No texto: couves.

<sup>216</sup> Prato de pedaços de carne ou peixe cozidos temperados com salsa picada e gema de ovo.

<sup>217</sup> no texto: doce tradicional português.

mãos lavadas. Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

SIMICÚPIO – Eu o estava dizendo; grande desgraça é ser um homem galinha, pois até de uma mulher tem medo.

FAGUNDES – Mas confesso que não sou para ver sangue, que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

SIMICÚPIO – Oh mulher! Deus te tire isso do pensamento.

FAGUNDES – Qual! Eu sou muito melindrosa e pusilânima<sup>219</sup>; não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deus e à ventura.

SIMICÚPIO – Sem falência eu morro de morte galinhal: não há mais remédio, que falar à velha; mas se lhe falo, é capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerrar-me em parte mais apertada: não sei o que faça; pois tal estou, que se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

FAGUNDES – Para que é cansar, eu não sou sanguinolenta.

*Entra Sevadilha.*

SEVADILHA – Fagundes, o senhor está desesperado por você; que faz aí?

FAGUNDES – Já que vieste, matarás uma galinha, que eu não me atrevo. (*Vai-se*)

SIMICÚPIO – Lá vem a Sevadilha: ora o certo é que donde a galinha tem os ovos, aí se lhe vão os olhos.

SEVADILHA – Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora, que dó pode haver de matar um animal? Verão como eu faço isso brincando.

SIMICÚPIO – Não são bons brincos esses, Sevadilha; mas se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

SEVADILHA – Ai que estamos em tempo, que falam os animais! Este pela voz é Simicúpio.

SIMICÚPIO – Eu sou que te falo de papo; é o teu Simicúpio, que está feito semi-galo.

SEVADILHA – Quem te meteu aí?

SIMICÚPIO – O velho, por eu ser metediço.

SEVADILHA – Pois como foi?

SIMICÚPIO – Já me não lembra, que eu tenho memória de galo.

SEVADILHA – Anda cá para fora.

SIMICÚPIO – Não posso, sem tu me enxotares daqui.

SEVADILHA – Como não podes, se eu sei que muito pode o galo no seu poleiro?

SIMICÚPIO – Isso seria se o velho me não desasara.<sup>220</sup>

SEVADILHA – Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás frança!<sup>221</sup>

SIMICÚPIO – Sim, estou frança, porque estou feito galo.

SEVADILHA – Pois dá-me das tuas penas para um regalo.

SIMICÚPIO – Pois tu te regalas com as minhas penas?

SEVADILHA – Não, mas folgo de ver-te feito alma em pena.

---

<sup>218</sup> Espécie de peixe. Manjuba.

<sup>219</sup> A grafia atualizada é: pusilânime.

<sup>220</sup> Desasar: cortar ou partir as asas de uma ave.

<sup>221</sup> Janota. Indivíduo vestido com apuro exagerado.

SIMICÚPIO – que fará, se souberas que estou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de mais penas.

*Cantam Simicúpio e Sevadilha a seguinte*

*ária a duo*

SEVADILHA

Meu franguinho

Topetudo

Como é galantinho!

Que lindo, que está?

SIMICÚPIO

Minha bela

Malfazeja,

Caí na espavela,

Liberta-me já.

SEVADILHA

Coitada da pila,

Pila, pila, pila,<sup>222</sup>

Que te hão de pilar.<sup>223</sup>

SIMICÚPIO

Acode-me, filha,

Que estou, há meia hora

A cacarejar.

AMBOS

Que triste cantar

É o cacarejar!

SEVADILHA

Mas não te agastes,<sup>224</sup>

que eu vou-te a soltar.

SIMICÚPIO

Vem já, que não posso

Mais tempo penar.

AMBOS

Que é pena, que é mágoa,

Que uma ave de pena

Não possa voar.

SIMICÚPIO – Anda, deita-me pela porta fora, ainda que seja aos coices. (*Vai-se*)

SEVADILHA – Ora vamos. (*Vai-se*)

*Entra d. Fuas.*

D. FUAS – Para este quintal ou jardim, ou o que for, me disse Fagundes viera d<sup>a</sup>. Nize a regar a sua manjerona; mas enquanto ela não vem, me esconderei atrás deste canteiro de alecrim, pois de manjerona não quero auxílio para encobrir-me dos

---

<sup>222</sup> Pila, pila! – interjeição com que se chamam as galinhas.

<sup>223</sup> Pilar: amassar no pilão.

<sup>224</sup> Aborreças.

argentados<sup>225</sup> esplendores da lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me na clara inconstância de seus raios a variedade de d<sup>a</sup>. Nize.

*Esconde-se da banda do alecrim.*

*Entra d. Gilvaz*

D. GILVAZ – Grande temeridade foi a minha, pois sem avisar a d<sup>a</sup>. Cloris, me expus a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar d. Lancerote; mas sem dúvida Cloris virá a este seu jardim a namorar o seu alecrim; e assim escondido nas sombras destas plantas... Mas ai que é manjerona! Perdoa, Cloris, que esta ação foi um acaso e não eleição.

*Esconde-se da banda da manjerona.*

*Saem d<sup>a</sup>. Nize e d<sup>a</sup>. Cloris cada uma pela sua parte com aguadores na mão, regando e cantando o seguinte.*

D<sup>a</sup>. NIZE

Sois no céu de Flora  
Manjerona bela,  
Não só verde estrela,  
Mas luzida flor.

D<sup>a</sup>. CLORIS

Alecrim florido,  
Que de abril na esfera  
Sois na primavera  
Fragrante<sup>226</sup> primor.

AMBAS

Esta pura neve  
Que tributa Flora,  
São risos da Aurora,  
E lágrimas de amor

*Recitado*

D<sup>a</sup>. NIZE

Mas que vejo? (Ai de mim!) Quem arrogante,  
Da Manjerona usurpa o ser fragrante?

D. GILVAZ

Quem, ó Nize, escondido amante espera  
O Sol que adoro nesta verde esfera? *Sai*

D. FUAS

Pois traidor, como assim tirano intentas,  
Roubar-me a Nize, que meu peito adora? *Sai*  
E tu falsa inimiga. Mas ai triste,  
Que mal a tanta pena a dor resiste!

D<sup>a</sup>. CLORIS

E tu falso d. Gilvaz, que em torpe insulto  
Buscas a manjerona amante oculto,  
Deixa-me, fementido...<sup>227</sup>

---

<sup>225</sup> Prateados.

<sup>226</sup> Perfumado. Cheiroso.

<sup>227</sup> Perjuro.

D. GILVAZ

Atende, ó Cloris,  
Que sem causa fulminas teus rigores,  
Quando em puros ardores  
Nas chamas do alecrim me abraso.

D<sup>a</sup>. NIZE – Sem motivo, D. Fuas, me criminas; porque eu firme...

D. GILVAZ – E eu constante...

D. GILVAZ e D<sup>a</sup>. NIZE – Fiel te adoro, e te busco amante.

*ária a quatro*

D. GILVAZ

Atende, ó Cloris, atende  
Verdades de quem sabe  
Ser firme em te adorar.

D<sup>a</sup>. CLORIS

Suspende, infiel, suspende  
Injúrias de quem sabe  
Jamais te acreditar.

D. FUAS

Nize ingrata, infiel amigo,  
Cesse a bárbara indecência,  
Que a evidência

Não se pode equivocar.

D. GILVAZ e D<sup>a</sup>. NIZE

Pois tu só querida prenda,

D. FUAS e D<sup>a</sup>. CLORIS

Já não creio os teus enganos,

D. GILVAZ e D<sup>a</sup>. NIZE

Nas purezas de meu peito

Felizmente viverás,

D. FUAS e D<sup>a</sup>. CLORIS

Nos rigores de meu peito

Felizmente viverás,

TODOS

Mas, ó cego amor tirano,  
como posso em tanto dano

Teu estrago idolatrar?

*Entra Fagundes.*

FAGUNDES – Já acabaram de cantar? Pois agora entrem a chorar.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Por que, Fagundes?

FAGUNDES – Porque o senhor seu tio diz que logo vem ao quintal, afirmando que há ladrões em casa, e diz que se não há de deitar esta noite, ainda que faça rosa divina.

D. GILVAZ – Onde estará Simicúpio?

FAGUNDES – Não aparece; senhores, escondam-se e não digam ao depois, que duro foi e mal se cozeu.

D<sup>a</sup>. NIZE – Metam-se nesta capoeira entretanto.

D. GILVAZ – E que remédio já que Simicúpio não aparece?

D. FUAS – A necessidade sabe unir a quem se deseja separar. Nize cruel, eu me escondo na capoeira, que só o lugar das penas é o centro de um amante infeliz. (*Mete-se na capoeira*)

D. GILVAZ – Quem serve a Cupido às vezes é leão, às vezes galinha. (*Mete-se na capoeira*)

FAGUNDES – Ah senhores, não me esmaguem os olhos de uma galinha, que aí está de choco.

*Entram d. Tibúrcio e Sevadilha.*

SEVADILHA – Senhor, não me persiga: olhem o diabo do homem!

D. TIBÚRCIO – Aí no quintal te quero. Mas aqui está Cloris e Nize, remediarei o negócio. Esta moça faz zombaria de mim; deixa-me tu casar, que eu te porei a caminho.

D<sup>a</sup>. CLORIS – que é isso, primo? Como estando doente e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno?

D. TIBÚRCIO – Que há de ser, se vocês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo, que não faça às avessas? De sorte que me fez vestir e sair atrás dela, como desesperado das perrices<sup>228</sup> que me faz.

D<sup>a</sup>. NIZE – Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortês ao meu primo?

FAGUNDES – Vossas mercês não querem crer que se há de fazer desta moça a peste, fome e guerra.

SEVADILHA – Para que estamos com arcas encouradas? O senhor d. Tibúrcio anda-me ao sucário<sup>229</sup> e não me deixa uma hora, nem instante.

D. TIBÚRCIO – Calte, mentirosa.

FAGUNDES – Isso tem ela, que levanta um testemunho, como quem levanta uma palha.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Não nos importa essa averiguação; só digo, senhor d. Tibúrcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui conosco a estas horas, e que pode vir meu tio e achar-nos com vossa mercê; que suposto seja primo, e com tentações de noivo, sempre o recato e decência se deve conservar; e assim lhe pedimos com cortesia se vá para o seu quarto.

SEVADILHA – Ande, vá despejando o beco.<sup>230</sup>

D. TIBÚRCIO – Nem eu quisera que meu tio me achasse aqui por nenhum modo. Mas coitado de mim, que ele lá vem! tomara que me não visse.

SEVADILHA – Pois esconda-se nessa capoeira.

D. TIBÚRCIO – Dizes bem.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Estás louca, Sevadilha? Meu primo há de se lá meter numa capoeira? Isso não.

D. TIBÚRCIO – Não importa que para conservar o meu recato me meterei na parte mais imunda.

D<sup>a</sup>. NIZE – Estamos perdidas, que lá se encontra com os dois! Que fizeste, maldita?

SEVADILHA – Eu bem sei o que fiz: verão que peça lhe prego.

D. GILVAZ – Este deve ser Semicúpio? És tu Semicúpio?

D. TIBÚRCIO – Qual Semicúpio? Sou um Simibala para ele: quem está aqui? Ó Sevadilha, abre-me a porta que eu quero sair, corra a água por onde correr.

<sup>228</sup> Mau-humor.

<sup>229</sup> Andar ao sucário (ou sucário): perseguir, andar atrás de alguém.

<sup>230</sup> Despejar o beco: afastar-se com rapidez.

SEVADILHA – Cale-se, que aí vem o velho.

D. FUAS – Que tal me suceda!

D. GILVAZ – Estou tremendo!

D<sup>a</sup>. NIZE e D<sup>a</sup>. CLORIS – Estamos perdidas!

*Entram d. Lancerote com uma luz na mão e Simicúpio vestido de ministro com vara na mão.*

SIMICÚPIO – Não se assustem, minhas senhoras, que isto não é mais que uma diligência.

D. LANCEROTE – Vossa mercê poupou-me o trabalho de o ir procurara de manhã para lhe entregar um ladrão, que tenho preso naquela capoeira.

SIMICÚPIO – A isso mesmo venho, que já tive quem disse me avisasse.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Que será isto?

D<sup>a</sup>. CLORIS (*À parte*) – São infortúnios meus.

FAGUNDES (*À parte*) – Demos com o pé na peia.<sup>231</sup>

SEVADILHA (*À parte*) – Folgo por amor de d. Tibúrcio.

SIMICÚPIO – Hoje todos hão de mamar o chasco<sup>232</sup>, que a ninguém me hei de dar a conhecer. Ora, meu senhor, como foi este caso?

D. LANCEROTE – Suponha vossa mercê que acabada uma junta de médicos que vieram assistir a meu sobrinho, sendo já quase noite, estando eu assentado junto daquela manjerona, que não me deixará mentir, veio descendo um homem por uma corda, e cuidando que eu era poial, me pôs o pé no cachaço.<sup>233</sup>

SIMICÚPIO – Isso foi o mesmo que pôr-lhe o pé no pescoço: não há maior desaforo.

D. LANCEROTE – Assustei-me, não há dúvida, quando me vi daquela sorte oprimido; mas tornando a mim, fui sobre ele, e conhecendo que era ladrão, o preendi nessa capoeira donde a perspicaz diligência de vossa mercê saberá melhor obrar do que eu falar.

SIMICÚPIO – E como conheceu vossa mercê que era ladrão?

D. LANCEROTE – Pela cara que era a mais horrenda que meus olhos viram.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Estou já desenganado, que sou feio.

D. LANCEROTE – Ande vossa mercê e verá.

SIMICÚPIO – Ah sô<sup>234</sup> ladrão, saia cá para fora.

D. FUAS – Vossa mercê vem enganado, porque eu (*Sai*) – há maior desgraça! – sou um homem bem nascido.

SIMICÚPIO (*À parte*) – É d. Fuas; quem me dera ver a d. Gil, que é o que cá me traz.

D. LANCEROTE – Senhor, este não é o ladrão que eu encerrei.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Já se vê que este não é tão feio quanto vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum? Oh cá está mais outro; *venite ad cam para foram*<sup>235</sup>. Ai que é d. Gil! Já estou descansado.

D. LANCEROTE – Também não é este o ladrão que eu aqui encerrei.

D. GILVAZ – Claro está, que não sou eu, pois eu graças a Deus não necessito de furtar.

<sup>231</sup> Corda que se prende ao pé de um animal para impedir que ele ande ou corra.

<sup>232</sup> Mamar o chasco: engolir (aturar) a zombaria.

<sup>233</sup> Parte posterior do pescoço.

<sup>234</sup> Forma abreviada de “senhor”.

<sup>235</sup> Paródia de expressão latina.

D. LANCEROTE – E que faziam vossas mercês aqui, se não eram ladrões?

SIMICÚPIO – Essa inquirição me pertence a mim, que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo, não se costume a mentir aos ministros de vara grossa, dizendo-me que o ladrão era feio e horrendo, quando vemos que estes senhores são mui bem estreados.

D. LANCEROTE – Senhor juiz, por vida minha, que era o mais feio homem que vi em meus dias.

SIMICÚPIO – Cale-se, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

D. LANCEROTE – Ora senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dois, que não meti, talvez que ache o que eu encerrei.

SIMICÚPIO – Já não tenho mais que buscar.

D. LANCEROTE – Faça-me esse gosto, que pode lá estar ainda mais algum.

SEVADILHA – Isso que se perde? Veja, senhor doutor.

SIMICÚPIO – Bem sei que vou de balde, mas eu vou: mas não, entre vossa mercê, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. LANCEROTE – Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai que ele aqui está! Não o disse eu?

SIMICÚPIO – Traga-o cá para fora.

D. LANCEROTE – Ei-lo aqui. Mas que vejo! Não sois vós, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO – Eu sou por meus pecados.

D. LANCEROTE – Eu estou besta em besta.

SIMICÚPIO – Este sim, que é o ladrão, que tem horrendíssima cara; todos três venham comigo.

D<sup>a</sup>. NIZE (*À parte*) – Ai d. Fuas, que estou sem alma!

D<sup>a</sup>. CLORIS – Ai d. Gil, que estou sem vida!

D. LANCEROTE – Senhor, advirta que este é o meu sobrinho.

SIMICÚPIO – Por ser seu sobrinho, não pode ser ladrão?

D. LANCEROTE – Senhor, ele mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

SIMICÚPIO – Pois acaso ele dorme na capoeira?

D. LANCEROTE – Não senhor.

SIMICÚPIO – Se não dorme, que fazia nela feito *socius criminis* destes dois machacazes<sup>236</sup>?

D. LANCEROTE – Sobrinho, a que viestes a capoeira?

D. TIBÚRCIO – Eu senhor estando...

SIMICÚPIO – Chiton<sup>237</sup>, não me usurpe a jurisdição; já disse que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem*.

D. LANCEROTE – Não importa; ide, sobrinho, que Deus é grande.

D. TIBÚRCIO – A minha inocência me livrará.

D. LANCEROTE – Como é a sua graça, meu senhor?

SIMICÚPIO – O bacharel Petrus *in cunctis*, juiz de fora daqui com alçada na vara até o ar.

D. LANCEROTE – Pois senhor bacharel Petrus *in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho, que também me furtaram um capote de Saragoça em muito bom uso.

<sup>236</sup> Espertalhões.

<sup>237</sup> Interjeição para impor silêncio. Chitão. Caluda.

SIMICÚPIO – Capote de Saragoça é caso de devassa: notificados vossas mercês todos para que em amanhecendo venham jurar à minha casa sobre este furto.

D. LANCEROTE – E aonde mora vossa mercê?

SIMICÚPIO – Junto a um d. Gilvaz que mora...

D. LANCEROTE – Já sei, eu perguntarei.

SIMICÚPIO – Pois lá estará quem lhe responda.

D. GILVAZ (*À parte*) – A, que é Simicúpio! Agora reparo, já estou sem susto.

SIMICÚPIO – Vamos: amanhã todos à minha casa, sob pena de prisão.

D. FUAS – Ai Nize, que as tuas falsidades me puseram neste estado!

D. TIBÚRCIO – Tio, trate logo de soltar-me. (*Vai-se*)

D. GILVAZ – Quem não deve, não teme. (*Vai-se*)

D. LANCEROTE – Que mal sossegarei esta noite, indo preso meu sobrinho, e não aparecer o ladrão que eu prendi: não há homem mais desgraçado! (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. NIZE – Tal estou de sentimento, que até me faltam as lágrimas para o alívio. (*Vai-se*)

FAGUNDES – Eis aqui os alecrins e manjeronas: coisas de ervas é para bestas. (*Vai-se*)

SEVADILHA – E de que escapou Simicúpio! Também alguma boa alma rezou por ele. (*Vai-se*)

D<sup>a</sup>. CLORIS – Ai d. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte! (*Vai-se*)

### *Cena VII*

*Sala em que haverá um bofete<sup>238</sup>, tinteiro, papel, pena e cadeiras; e entram d. Gilvaz e Simicúpio vestido ainda de juiz.*

D. GILVAZ – Não te perdôo o susto que me fizestes levar.

SIMICÚPIO – Nem eu o chasco da capoeira que me fez sofrer.

D. GILVAZ – E agora que determinas com essa devassa, que queres tirar?

SIMICÚPIO – Logo verá.

D. GILVAZ – E por que não soltas a d. Fuas e a d. Tibúrcio, que estão fechados naquele quarto escuro?

SIMICÚPIO – Não poderei também ter meus segredos, sem que ninguém o saiba? O certo é que como os trouxemos às escuras, entendem fixamente que estão em rigorosa prisão. Mas aí vem gente e vossa mercê faça vezes de escrivão.

D. GILVAZ – Aí parou uma sege<sup>239</sup>: se serão elas?

SIMICÚPIO – Lá está quem as há de encaminhar; *sedete*, que aí vem subindo a primeira testemunha.

*Entra d. Lancerote.*

D. LANCEROTE – Senhor, aqui estamos todos à ordem de vossa mercê.

SIMICÚPIO – Venham entrando um a um.

D. LANCEROTE – Pois, senhor, lembre-se do meu capote.

SIMICÚPIO – Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansando, que eu puxarei bem pela justiça e farei quanto ela der de si.

---

<sup>238</sup> Mesa do tipo secretária, em geral de madeira de lei. A grafia mais corrente é bufete.

<sup>239</sup> Carruagem.

D. LANCEROTE – Não tenho mais que dizer. (*Vai-se*)  
D. GILVAZ – Homem, tu me tens atônito com as tuas indústrias!  
SIMICÚPIO – Bem é que as reconheças: ah senhor, esteja de meio perfil, para que o não conheça d<sup>a</sup>. Nize que lá vem.

*Entra d<sup>a</sup>. Nize.*

D<sup>a</sup>. NIZE – Venho morta: nunca em tal me vi!  
SIMICÚPIO – Uma vez é a primeira: sente-se, minha senhora, desabafe-se, suponha que está em sua casa.

D<sup>a</sup>. NIZE – Ai senhor, não sei que respeito infunde a cara de um juiz, que faz titubear o mais valente coração!

SIMICÚPIO – E mais eu, que pareço um papiniano<sup>240</sup> assanhado! Diga o seu nome; vá lá escrevendo, senhor escrivão.

D<sup>a</sup>. NIZE – Chamo-me d<sup>a</sup>. Nize Sílvia Rufina Fábila Laura Anarda, e...

SIMICÚPIO – Basta, senhora, e pode vossa mercê com todos esses nomes?

D<sup>a</sup>. NIZE – Ainda faltam quatorze.

SIMICÚPIO – Visto isso é vossa mercê a mulher mais nomeada que há no mundo. Que idade tem?

D<sup>a</sup>. NIZE – Quinze anos escassos.

SIMICÚPIO – Liberal andou a natureza; em tão poucos anos tanta perfeição! E do costume?

D<sup>a</sup>. NIZE – Não entendo.

SIMICÚPIO – Ponha lá, que do costume jejua. Sabe quem furtou aquele capote ao senhor seu tio?

D<sup>a</sup>. NIZE – Presumo que foi um criado de d. Gil, que entrou disfarçado a vender alecrim.

SIMICÚPIO – Tenho largas notícias desse criado e me dizem que é ardiloso *quantum satis*.

D<sup>a</sup>. NIZE – Isso é pasmar!

SIMICÚPIO – E sabe se aqueles homens da capoeira seriam ladrões?

D<sup>a</sup>. NIZE – Não, senhor, porque um era d. Gil e outro d. Fuas, que ambos...

SIMICÚPIO – Diga, não se faça rubincuda.

D<sup>a</sup>. NIZE – Senhor, os ditos homens vieram por causa de amor; e como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

SIMICÚPIO – Rapaziadas. Ora ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, *honeste vivere*.

D<sup>a</sup>. NIZE – À obediência de vossa mercê. (*Vai-se*)

D. GILVAZ – Homem, acabemos com isso, venha d<sup>a</sup>. Cloris, por quem estou suspirando.

*Entra Fagundes.*

FAGUNDES – Muito bons dias, meu senhor.

SIMICÚPIO – Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa mercê a meu ver tem cara de testemunha falsa ou eu me enganarei.

FAGUNDES – Serei o que vossa mercê quiser.

SIMICÚPIO – Como se chama?

---

<sup>240</sup> Os papinianos ou papinianistas são os juriconsultos que seguem os princípios íntegros de Papiniano (142-212), executado pelo imperador romano Caracala por não se curvar ao poder imperial.

FAGUNDES – Ambrósia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.  
 SIMICÚPIO – Isso são nomes ou alcunhas?  
 FAGUNDES – Será o que vossa mercê for servido.  
 SIMICÚPIO – Casada ou solteira?  
 FAGUNDES – Nem casada, nem solteira, assim, assim.  
 SIMICÚPIO – Assim como?  
 FAGUNDES – É que tenho o marido no Brasil há quarenta e sete anos.  
 SIMICÚPIO – De que anos casou?  
 FAGUNDES – De quarenta justos, que os fui fazer à porta da igreja.  
 SIMICÚPIO – Que anos tem.  
 FAGUNDES – Vinte e cinco bem puxados.  
 SIMICÚPIO – Não é nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil há quarenta e sete anos e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se daí bêbada, falsária, que a hei de amarrar a uma escada e deita-la por essa janela fora.  
 FAGUNDES – Eu não sei contar senão pelo dedos: ouça vossa mercê, que eu quero dar a minha quartada<sup>241</sup>.  
 SIMICÚPIO – A quartada dei eu; ande; ande; não cuide que se há de lavar com uma bochecha d’água<sup>242</sup>; vá-se para dentro.  
 FAGUNDES – Eu vou rebolindo<sup>243</sup>. (*Vai-se*)  
 D. GILVAZ – Acaba já com isso.  
*Entra Sevadilha.*  
 SEVADILHA – Sou criada de vossa mercê.  
 SIMICÚPIO – Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara, que estou varado. Menina, como é o seu nome?  
 SEVADILHA – Sevadilha sem mais nada.  
 SIMICÚPIO – Que anos tem?  
 SEVADILHA – Sete mui fanados.  
 SIMICÚPIO – Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada ou solteira?  
 SEVADILHA – Estou pra casar com um criado daqui do seu vizinho d. Gil, que ainda que feio é mui carinhoso.  
 SIMICÚPIO – Esse foi o que furtou o capote a seu amo?  
 SEVADILHA – Este mesmo.  
 SIMICÚPIO – Logo é ladrão.  
 SEVADILHA – É o vício que tem, que se não fora isso, era um moço perfeito.  
 SIMICÚPIO – Ai Sevadilha, que esse ladrão...  
 SEVADILHA – Que tem, meu senhor?  
 SIMICÚPIO – Nada, nada: e por um triz, que não deponho judicatura e perco o juízo: assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.  
 SEVADILHA – Eu não sei escrever.  
 SIMICÚPIO – Porém sabes muita letra: vai-te aí para dentro. a rapaziada me pôs a ver jurar testemunhas.

<sup>241</sup> Justificativa. álibi.

<sup>242</sup> Com uma bochecha d’água: com facilidade. Não cuide que se há de lavar com uma bochecha d’água: não pense que vai sair dessa com facilidade.

<sup>243</sup> Rebolir: andar depressa.

SEVADILHA – Eu já vi uma cara que se parecia com a deste juiz. (*Vai-se*)

SIMICÚPIO – Entre quem falta.

D. GILVAZ – Resta d<sup>a</sup>. Cloris; Simicúpio, perdoa que hei de falar-lhe.

SIMICÚPIO – Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

D. GILVAZ – Como estás inchado!

SIMICÚPIO – Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão.

*Entra d<sup>a</sup>. Cloris.*

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor juiz, logo declaro que eu de furtos não sei nada, e só que d. Gil foi um dos da capoeira e está inocente, porque...

D. GILVAZ – Porque foi preciso obedecer-te, querida Cloris.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Que vejo? d. Gil? Cobre alentos o meu coração.

D. GILVAZ – Não te admires dos sucessos de meu amor, que os influxos do teu alecrim sabem triunfar dos maiores impossíveis.

SIMICÚPIO – Aliás, que um Simicúpio sabe fazer possíveis as maiores dificuldades! Aí tem, senhor d. Gilvaz, o seu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra e se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Uma vez que me vejo em tua casa, não porei mais em contingências a minha fortuna.

SIMICÚPIO – Isso mesmo; quem disse casa, casa.

*Entra d. Lancerote.*

D. LANCEROTE – Que é isto, senhor doutor? As testemunhas vêm e não tornam?

SIMICÚPIO – Já está concluída e sentenciada a devassa.

D. LANCEROTE – Quem são os culpados?

SIMICÚPIO – As senhoras suas sobrinhas, eu são umas finas ladras.

D. LANCEROTE – Minhas sobrinhas ladras? De que sorte?

SIMICÚPIO – Desta sorte; vamos saindo cá para fora. (*Vai Simicúpio trazendo a todos para fora e diz o seguinte.*) Porque vistos estes sucessos, consta que a senhora d<sup>a</sup>. Nize furtou o coração do senhor d. Fuas e a senhora d<sup>a</sup>. Cloris o de d. Gil; e assim é de razão que lho restituam, casando com eles; porque no matrimônio se entregam os corações com as vontades.

D. FUAS – Em cumprimento da sentença eu a executo pela minha parte igualmente alegre e admirado desta rara inventiva de Simicúpio.

D<sup>a</sup>. NIZE – É de justiça esta ação: que alegria!

D. GILVAZ – D<sup>a</sup>. Cloris, dá-me o coração, que me tens na mão que te peço.

SIMICÚPIO – Isso é falar com o coração nas mãos, senhora d<sup>a</sup>. Cloris, case-se, mas não se arrependa.

D<sup>a</sup>. CLORIS – Senhor d. Gil, o meu coração lhe entrego, em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto o que se dá por vontade.

SIMICÚPIO – D. Tibúrcio tenha paciência e pague as custas de premeio com o senhor d. Lancerote, já que foram tão basbaques, que se deixaram enganar de mim. Simicúpio, tantos de tal mês, etc.

D. TIBÚRCIO – Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não há para onde apelar.

D. LANCEROTE – Nem eu me posso agravar, quando o matrimônio é o ditoso fim destes excessos.

SEVADILHA – Quem casa a tantos, porque se não casa a si?

SIMICÚPIO – Não me fales em remoques; já sei, Sevadilha, que queres casar comigo; e pois a sentença passou em coisa julgada, demos as mãos e a boa vontade.

SEVADILHA – Oh discreta mão, que escreveu tal sentença!  
FAGUNDES – E que há de ser de mim, Simicúpio, que neste negócio também dei minha penada?  
SEVADILHA – Em vindo a frota, virá teu marido.  
D. GILVAZ – E pois te consegui galharda Cloris, publique a fama os vivas do alecrim, que triunfou de tantos impossíveis.  
D. FUAS – Tende mão, que não é justo que roubeis à manjerona a parte que lhe toca no aplauso que merece; pois à sombra de suas folhas conseguistes muita parte da dita, que possuís.  
FAGUNDES – Isso é verdade; senão diga-o a escada e a caixa.  
D. TIBÚRCIO – Foi boa caixa.  
D. GILVAZ – Que importa que a manjerona abrisse ao favores, se o alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?  
SIMICÚPIO – E senão diga-o também o fogo selvagem, a medicina, a ministrice e a mãe de duas filhas.  
D. TIBÚRCIO – Pois que vai, senhor tio? É bico ou cabeça<sup>244</sup>?  
D. LANCEROTE – Paciência por força.  
D<sup>a</sup>. CLORIS – Não se pode negar que venceu o meu alecrim, pois ele tocou a meta pondo fim a nossos desejos.  
D<sup>a</sup>. NIZE – A manjerona só merece aplausos, porque deu princípio a este fim.  
SIMICÚPIO – Então, visto isso venceu o malmequer, pois ele foi o meio entre o princípio da manjerona e o fim do alecrim.  
SEVADILHA – Pois viva o malmequer.  
D. GILVAZ – Tenho dito, venceu o alecrim.  
D. TIBÚRCIO – Se a eficácia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da manjerona.  
SIMICÚPIO – Deixe estar a folha, que as da manjerona não são o Alcorão de Mafoma<sup>245</sup>, para que se defendam à ponta da espada; e pois estou feito juiz, pela autoridade, que tenho, declaro, que ambas as plantas venceram o pleito, pois cada uma fez quanto pôde; e para que se acabem essas guerras do alecrim e manjerona, mando que os dois ranchos façam as pazes e se ponha perpétuo silêncio nesta matéria sob pena de serem assuntos de minuetos e andarem por boca de portas, que é pior que pelas bocas do mundo.  
TODOS – Pois viva o alecrim e viva a manjerona.  
SIMICÚPIO – E viva todo o bicho vivo.  
D. LANCEROTE – Vivamos todos, meu sobrinho.  
D. TIBÚRCIO – Essa é a verdade.  
SIMICÚPIO – E como não há triunfo sem aclamação, enquanto o coro não principia a festejar este aplauso, coroemos esta obra, com as ramas da manjerona e alecrim.

*Coro*

D<sup>a</sup>. NIZE e D. FUAS  
Viva a Manjerona  
Perpétua no durar.  
D<sup>a</sup>. CLORIS e D. GILVAZ  
Viva o Alecrim

---

<sup>244</sup> Pergunta que se faz quando há dúvida sobre duas coisas contraditórias, nenhuma delas aceitável.

<sup>245</sup> Maomé.

Feliz no florescer  
TODOS  
Viva a manjerona  
Viva o alecrim  
Pois que um soube vencer,  
E a outra triunfar.  
D<sup>a</sup>. NIZE e D. FUAS  
No templo de Cupido  
Troféu de amor será.  
D<sup>a</sup>. CLORIS e D. GILVAZ  
Nas aras da fineza  
Em chamas arderá.  
TODOS  
Viva a manjerona  
Viva o alecrim  
Pois que um soube vencer  
E a outra triunfar.

*FIM*

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)